PREÇO DE ASSIGNATURA

Firmo estampilha: anno 4$600 reis; semestre: 2$350 rs Semestre; 1$200; avulso 50 reis. Com estampilha: anno 1:540 reis; semestre 2$650; trimestre 1$350; avulso 55 rs.

Correspondencias de interesse particular: por linha 30 reis. Annuncios por linha 30 reis; repetição 15 reis. Publicações no corpo do jornal, 60 reis por linha.

Os srs. assignantes effectivos teem direito á inserção gratuita das publicações que quizerem fazer e que estejam harmonia com os principios do jornal.

ESCRIPTORIO DA ADMINISTRAÇÃO

LARGO DA VERA-CRUZ

AVEIRO

# CAMPEAO DAS PROVINCIAS

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

*REDACÇÃO---Manuel Firmino d'Almeida Maia e Fernando de Vilhena*

ASSIGNA-SE UNICAMENTE

Em Aveiro: No escriptorio da administração. Algumas portancia da assignatura póde ser remettida: em sellos ou estampilhas, ou por saque sobre alguma casa d'estcidade.

As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados a redacção sejam ou não publicados não serão restituidos.

A circumstancia de receber o jornal sem o devolver, importa responsabilidade pela importancia do tempo por que se recebe.

ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO

LARGO DA VERA-CRUZ

AVEIRO

ANNO XXXII — QUARTA-FEIRA 22 DE NOVEMBRO DE 1882 — NUMERO 3:146

## AVEIRO

### O GOVERNO E A NUNCIATURA

Acha-se ainda pendente a questão Masella. O nuncio interpoz-se entre a curia e os direitos do padroado portuguez. Ouvido, ao que parece, sobre assumpto estranho ás suas funcções de embaixador do Vaticano, aproveitou o ensejo que lhe proporcionaram, afim de mostrar a sua má vontade não contra as instituições representativas, como ao principio se affigurava, mas contra as regalias da nação mais catholica da Europa e do mundo.

Estabelecido o conflicto, o que convinha fazer? Insinuar o nuncio a que desistisse dos seus propositos, quando o governo entendesse que lhe faltava força para uzar de meios mais energicos. Intimar-lhe a expulsão, quando se visse apoiado nas correntes da opinião justa e sensata. Ora como procedeu o governo? Insinuou a desistencia, ou mandou intimar a ordem de despejo? Ignoramol-o. Ninguem mesmo o sabe. Talvez só o deixem de ignorar os que privam com os ministros. Fallou-se já de desintelligencias entre os semi-deuses. Mas até vermos os seus resultados, não podemos acreditar na veracidade de taes boatos.

O que nos parece indubitavel, é que o sr. Masella vive em Lisboa mansa e pacificamente, e que o governo se embaraça medíocremente com o que elle trama contra as prerogativas do padroado. E que a dignidade nacional soffra, e que a grande maioria da nação proteste contra a illegal interferencia do nuncio em cousas que não são da sua competencia, tudo isso, a nosso ver, pouco importa aos ministros, que teem mais a peito anichar a afilhadagem, que sustentar questões, cujo desfecho deve honrar o paiz e a liberdade.

O exercicio legal das prerogativas do padroado portuguez, em nada offende a auctoridade da egreja. Se o mesmo padroado existe é em virtude das concordatas pactuadas e firmadas entre Roma e Portugal. E, note-se bem, nos tempos em que ellas se fizeram não vigorava ainda no continente europeu o regimen constitucional. Existiam então os reis que se diziam representantes do direito divino. Os raios do Vaticano fulminavam com a excommunhão as testas coroadas, que se mostravam avessas aos intuitos dos papas. As deposições ou a escolha dos soberanos negociavam-se perante a curia. O fiel da balança espiritual pendia para um ou outro lado, conforme o pezo dos interesses mundanos, ao contrario do que aconselhava o verbo inspirado do Christo, que declarava que o reino de Deus não era d'este mundo, e que se desse a Cezar o que fosse de Cezar.

A lucta como se vê data de ha muito tempo. Não é pois um accidente passageiro da vida official do sr. Masella. Já antes d'elle o sr. Sanguini havia manobrado no Brazil contra o estado civil, o que lhe valeu ser expulso d'aquella parte da America. E foi, parece-nos, elle mesmo que na Belgica perturbou por tal modo as relações entre a egreja e o estado, que o governo houve por bem mandal-o sair do seu territorio.

Já se vê que se pode ser catholico e estar malavindo com os embaixadores da curia romana. O papa Leão XIII, que é um homem sabedor, e que não desconhece a gravidade da conjuntura em que foi chamado a governar a egreja catholica, esforça-se por conservar e augmentar as simpathias dos povos do mundo, evitando todas as questões que possam acirrar os odios contra Roma. Percebe elle que os tempos não correm azados para a compressão das consciencias, e a sua missão especial tem consistido em contemporisar tanto quanto possivel, com o espirito do seculo, para que o estacionamento da disciplina da egreja não seja considerado como um estorvo á marcha progressiva da humanidade.

Portugal, que inscreveu na sua constituição o famoso art. 6.º, que declara a religião catholica como religião do estado, devia esperar tudo, menos a guerra acciotoza que o nuncio actual está promovendo ao clero e ao poder executivo. Mas visto que é o sr. Masella quem levanta a luva, deve tambem pezar com a responsabilidade do conflicto, e é por isso que a sua expulsão se torna de dia para dia necessaria, como uma prova de respeito dada pelo governo á nação.

O nuncio faltou aos deveres do seu cargo, oppondo-se ao livre exercicio dos direitos do padroado. E' este o seu delicto. E nós não podemos consentir que a presença de um estrangeiro, embora embaixador, seja um estorvo á marcha regular das cousas publicas, quando elle se arvora como chefe da reacção contra o exercicio de um direito, com o qual nada tem a nunciatura.

Todo o estorvo que parte da invasão de attribuições e da offensa de principios, deve ser removido como uma excrecencia nociva, e o procedimento do sr. Masella está n'este caso, porque é uma affronta aos direitos do padroado, alem de ser um simptoma de máo caracter do que ha ainda a esperar da sua iniciativa. Se o governo, o que não esperamos, transigir com a nunciatura, calcando aos pés a dignidade nacional, atrairá sobre si a desaffeição da grande maioria do paiz, que hostilisa abertamente os propositos do embaixador do Vaticano, que de certo não se inspirou dos salutares preceitos, que o esclarecido pontifice tem feito chegar por vezes ao conhecimento dos seus representantes.

A egreja pode e deve viver em harmonia com o estado. Os bens de Deus não se confundem com os thesouros de Cezar. E, quando as concordatas com a santa sé se estabelecem nos termos das nossas relações com a curia, consentir que o nuncio usurpe as faculdades que pertencem á coroa, não é só uma indignidade, é tambem um crime, com o qual não pode deixar de ser inexoravel a justiça nacional.

### INEXACTIDÕES

As *Instituições* andam desnorteadas, e o peor é que faltam á verdade historica, provavelmente por ignorancia dos factos. Pois ouça o contemporaneo e conserve na memoria o que vamos dizer-lhe.

1.º ponto: eleição do sr. Dias Ferreira por Aveiro:

S. ex.ª foi eleito em 1879, em consequencia do partido progressista local não estar de accordo em guerrear então o illustre chefe do partido constituinte. Se não fosse esta circumstancia, S. ex.ª não só teria sido hostilisado, mas não obteria a maioria de suffragios por este circulo eleitoral.

Ainda mais: Em 1881 tambem o sr. Dias Ferreira foi eleito por Aveiro, em consequencia da opposição não o hostilisar e do governo tolerar a sua candidatura.

Se a opposição progressista ou o elemento official entrasse em campo contra s. ex.ª, o seu nome seria derrotado na urna.

2.º ponto: circulo d'Agueda:

A eleição do deputado constituinte o sr. Antonio Maria de Carvalho foi o producto de dois factores, a saber—abstenção completa do governo na eleição, e a tacita acceitação da parte do partido progressista da candidatura de s. ex.ª Qualquer dos dois elementos que entrasse em campanha, faria gorar aquella eleição.

As *Instituições* vivem longe e avaliam muito pela rama a politica do paiz. Não admira por tanto o estendal de inexactidões, com que illude os seus leitores a respeito do ascendente e preponderancia do seu partido.

### QUE MISERIA!

As *Instituições* acham excellente, que o administrador do concelho do Funchal e o governador civil substituto d'aquelle districto recommendassem aos seus amigos e dependentes a eleição do sr. Arriaga, candidato do partido republicano! Vejam que esteio tão valioso tem no orgam constituinte a monarchia! E bate aquella folha ás mãos ambas nos sectarios da republica! E denomina-se *Instituições* aquella folha politica!

Pobre prelo, que assim gemes ao dar a lume taes contradicções.

Muito peor para a folha lisbonense que a candidatura do sr. Arriaga, seria a eleição do sr. Braamcamp. Ella lá tem as suas razões.

E dizem-se amantes do rei e do systema representativo estes publicistas das duzias!

### POLITICA DISTRICTAL

O Povo d'Aveiro

(19 de novembro)

Entra tambem na questão gravissima do nuncio Masella. Mas em vez de enfeixar a bandeira republicana com as dos diversos partidos liberaes, a fim de formarem todas o imponente estandarte da liberdade, fustiga com ella todas as fracções monarchicas, o que nos não parece nem patriotico, nem digno.

Ao menos n'isto, a nação devia constituir um só partido. E porque assim não succede, é que soffremos a cada passo tantas humilhações internacionaes.

O Oliveirense

(18 de novembro)

Chama aos progressistas judeus errantes, especuladores e sebastianistas. Em quanto nos não chamar regeneradores, não nos offende. Tudo, menos isso.

Soberania do Povo

(19 de novembro)

Sem abrir discussão sobre crenças religiosas, porque as considera alheias á missão da imprensa politica, e quer distanciadas das pugnas ardentes do seculo, declara associar-se de toda a vontade ás manifestações da imprensa liberal em prol dos direitos do paiz e contra as pretenções do espirito de reacção theocratica, encarnado, no actual momento historico, na individualidade do representante pontificio em Portugal.

Lamenta que os governos liberaes sejam mais fracos perante as imposições da curia romana, do que o foram os representantes da velha monarchia absoluta, ainda nos seus ultimos tempos.

Protesta contra a attitude audaciosa do actual nuncio apostolico, e entende que contra elle deve o partido liberal cerrar as suas fileiras, e offerecer ao governo todo o auxilio, porque, quando se trata de velar pela dignidade do paiz, não ha bandeiras que separem os filhos da liberdade.

Assim o entendeu e praticou todo o partido progressista. A covardia e fraqueza do governo foram porém superiores a tudo isso, e a dignidade nacinal é que soffreu.

O Jornal do Povo

(21 de novembro)

Diz que o ultramontanismo, desenfreado e soberbo, se quiz indemnisar agora do longo silencio rancoroso que vem arrastando, desde que as auroras da liberdade avermelharam o céu de Portugal.

Tem porém a ingenuidade de suppôr que a attitude do governo será energica e digna em defeza das prerogativas da corôa, da soberania nacional, e das liberdades patrias. Já deve estar desilludido a estas horas. O governo engole tudo, e a tudo se verga. A questão para elle é ficar, ainda que seja á custa dos mais sagrados direitos e mais subidos interesses do paiz. Ou elle não fosse regenerador.

### O FORO ACADEMICO

O nosso presado collega *O Tribuno Popular*, termina com o seguinte artigo as suas justas e proficientes considerações sobre este assumpto importante:

IV

A portaria de 6 de julho de 1866, devida á iniciativa do sr. Martens Ferrão, ministro do reino, ordenou que o Claustro pleno da Universidade fizesse uma consulta desenvolvida sobre diversos pontos relativos á reforma dos seus estudos, regimen e disciplina.

A Universidade nomeou, entre outras, uma commissão encarregada de responder ás questões indicadas na citada portaria; e essa commissão no seu relatorio de 2 de fevereiro de 1867 respondia, emquanto ao regimen escholar e policial dos alumnos, que uma das bases do futuro regulamento de policia academica devia ser a seguinte:

«Como não ha foros privilegiados, devem separar-se escrupulosamente as faltas que os estudantes commetterem como academicos, e as que praticarem como particulares».

N'esse relatorio, escripto pelo sr. dr. Manuel Emygdio Garcia, acham-se porém desenvolvidos com notavel proficiencia os motivos que reclamam um codigo regulamentar e disciplinar para a Universidade, e que exigem a conservação das actuaes providencias até ao apparecimento d'esse codigo. Limitamo-nos pois a transcrever aqui as judiciosas considerações, com que em 1867 o sr. dr. Garcia fundamentava as propostas da commissão, de que era relator:

«O ensino superior na Universidade, que prepara a mocidade estudiosa para o desempenho das funcções sociaes mais elevadas e dos mais importantes cargos publicos, está intimamente ligado e dependente da educação moral d'aquella; as influencias, a que ordinariamente estão sujeitos os estudantes, os germens de corrupção, que por toda a parte assaltam razões ainda não amadurecidas pela experiencia, imaginações exaltadas e ardentes, o que principalmente succede nas grandes cidades e capitaes, exigem uma escrupulosa vigilancia e uma policia suave e paternal, mas activa e continua, por isso mesmo que os estudantes vivem afastados do seio da familia, onde naturalmente deviam desenvolver-se tão elevados dotes e virtudes do coração. A' Universidade pois incumbe tomar sobre si esse tutelar encargo.

«Todos aquelles que têm visitado as universidades extrangeiras têm observado, que é em Paris onde os jovens estudantes se acham expostos, sem vigilancia, a todos os perigos de uma liberdade prematura.

«A corrupção, como em quasi todas as capitaes, é lá mais seductora do que em outra qualquer parte; as distracções e os prazeres desviam da assiduidade e arrancam á vida regular do estudo os mancebos, compromettem a sua saude e até a sua dignidade, e chegam a preverter o seu caracter moral; a quasi completa ausencia de relações entre os professores e os discipulos fazem com que aquelles não possam deter ou reprimir estes em suas loucuras e desvarios. Por um lado a corrupção e o contagio, por outro a falta de vigilancia e insubordinação.

«Felizmente para nós está Coimbra em mui diversas condições; e se as relações de respeito e affectuosa amizade, que ligam lentes e estudantes, a indole naturalmente pacifica, por que estes se distinguem, dispensa, em geral, uma vigilancia activa e constante e medidas de rigor, não póde todavia a Universidade deixar de exercer uma tal ou qual acção policial; e assim como remunera o estudo, a moralidade e os bons costumes, tem necessidade e stricta obrigação de reprimir as faltas e os abusos, ou ao menos evitar o mal prevenindo-o.

«É por isso que de ha muito se faz sentir, e todos reconhecem a necessidade de confeccionar um codigo de policia academica, afim de que a par de exacto comprimento dos deveres litterarios, se promova a educação moral e social da mocidade academica.

«Considerando, porém, quanto é prolongado e difficil o trabalho de confeccionar um regulamento ou codigo bem ordenado, e que corresponda ao espirito paternal, que deve presidir á correcção e penalidade, com que releva castigar as faltas e erros da mocidade inexperiente, bem como a fiscalisação e regimen, a que os estudantes precisam estar sujeitos, a commissão é de parecer que continue a vigorar a legislação actual até ao apparecimento do alludido codigo.

«Considerando que a policia academica é materia regulamentar e não deve fazer objecto d'uma lei, fixando-se apenas n'esta as bases para o referido regulamento, a commissão abstem-se de entrar nas longas considerações que o assumpto suscita».

O Claustro Pleno na sua consulta de 10 de abril do mesmo anno de 1867; de que foi relator o digno par do reino, o sr. dr. José Joaquim Fernandes Vaz, adoptou aquella proposta da commissão especial, consignando-a na mesma consulta. E é unicamente a favor d'esta parte da consulta, e contra a actual duplicação de certas penas, que a academia de 1881 lavrou um protesto no dia 8 de maio, inconveniente na forma por que foi feito, mas sem duvide justo, ou defensavel ao menos, na ideia que o dictou. Por esse protesto não se exigia que o fôro academico desapparecesse, mas unicamente que, nas bases da competencia d'esse fôro, se estremem escrupulosamente as faltas que os estudantes commetterem como academicos das que praticarem como particulares, nos precisos termos em que o fizera em 1867 o Claustro Pleno da Universidade.

D'aqui se vê com que perfida ignorancia e com que refinada má fé o *Diario de Noticia* de 25 de outubro, n.º 6:013, escreveu que «contra esse fôro solemnemente «protestou a academia de 1880 (*sic*), affi«xando o seu protesto, em nome da liber«dade e da civilisação, no pedestal do mo«numento a Camões, inaugurado em pre«sença de todo o corpo universitario».

E é um filho de Coimbra que escreve entre muitas outras temeridades e inexactidões, ou consente que escrevam isto, no jornal que elle dirige!

Mas poderão considerar-se faltas praticadas como particulares as que os dois estudantes processados commetteram, injuriando e diffamando publicamente dois Lentes que os haviam julgado com desfavor segundo elles creem?

Ninguem poderá sustental-o plausivelmente.

Os attentados de que se trata, dir-se-ha, foram consummados fóra do edificio das escholas, e desde então quaesquer transgressões dos regulamentos policiaes commettidas n'essas circumstancias não podem ser reprimidas nem punidas academicamente.

Essa argumentação não procede, e traz em si mesma a mais peremptoria e cabal refutação.

Pois o estudante deixa porventura de o ser desde que abandona o edificio da escholа? Não será antes a natureza da falta commettida, do que o local em que é consummada, o que constitue a differenciação racional entre as duas classes de delictos,—os academicos e os meramente particulares?

Adopte-se aquella estranha theoria, e ver-se-hão immediatamente as suas anarchicas e monstruosas consequencias. Os estudantes que formarem o proposito de proferir injurias ou commetter violencias contra o reitor ou contra os Lentes, os que se decidirem a praticar actos de insubordinação, a excitar tumultos, e a proceder por esta ou por forma analoga, guardar-se-hão de o fazer dentro das escholas, porque ahi lhes não sorrirá a impunidade. Mas deslocarão unicamente o scenario, e consummarão impunemente n'uma rua, n'um passeio publico, em qualquer outra parte, aquelles mesmos delictos que de proposito deixaram de commetter dentro da Universidade.

Se pois quereis auctorisar estas naturaes consequencias, admitti e consignae no codigo disciplinar universitario aquelles absurdos principios.

Felizmente nem a legislação actual, nem as bases propostas até agora pelo corpo academico docente e discente, adoptam tão extraordinaria e inconsequente doutrina; e por isso cremos firmemente que nunca será implantada entre nós.

Mas, diz-se ainda, os delictos commettidos pelos dois estudantes processados não podem ser de nenhum modo punidos pelos tribunaes academicos. Esses delictos são transgressões de uma lei especial, a de liberdade da imprensa; e, como taes, são unicamente da competencia das justiças ordinarias.

Notavel ignorancia revela quem d'este modo se atreve a argumentar contra a competencia do fôro academico!

Os que assim impugnam a competencia d'este fôro ignoram:—1.º que a lei de liberdade de imprensa de 17 de maio de 1866 não estabelece nenhum *processo especial* propriamente dito para a perseguição dos crimes commettidos por abuso de manifestação de pensamento: o processo a seguir é o anteriormente estabelecido, regulado pela maior ou menor gravidade das penas applicaveis, segundo as quaes será instaurado ou processo *de querella*, ou *de policia correccional*; 2.º que a mesma lei não pune com *penas especiaes* os mencionados crimes, continuando a ser applicadas a esses crimes as que se achavam anteriormente estabelecidas no Codigo Penal; 3.º que na mesma lei se não acham designados *tribunaes especiaes* para ser perante ellas exigida a responsabilidade por esses crimes, pois que os tribunaes cuja competencia é reconhecida são as justiças ordinarias; e 4.º, finalmente, que antes da citada lei de 17 de maio de 1866 já existiam desde 1834 muitas providencias de caracter legislativo regulando a liberdade da imprensa, entre as quaes citaremos as leis de 22 de dezembro de 1834, de 10 de novembro de 1837, de 18 de outubro de 1840, e de 3 de agosto de 1850, e o decreto de 22 de maio de 1851.

Ensinados assim nos ignorantes tão dignos de lastima, mostrar-lhes-hemos para sua instrucção os seguintes textos do regulamento de 25 de novembro de 1839 (art. 2.º) e do decreto de 20 de setembro de 1844 (art. 134.º § 3.º). Esses textos estão assim concebidos:

Regulamento de 1839:

«Os actos de insubordinação, de desobe«diencia, de injuria, ou de resistencia;—as «faltas de respeito, ou as violencias practi«cadas dentro ou fóra das escolas por quaes «quer pessoas academicas entre si;—o pro«cedimento escandaloso havido por ellas no «exercicio de seus deveres, do qual possa «resultar damno contra o aproveitamento «moral e litterario da mocidade: Todos estes «actos são punidos pela policia academica «por meio de penas poramente disciplinares, «*sem prejuizo das que possam ser impostas «pelas justiças ordinarias aos delictos e cri«mes da sua privatica competencia.*»

Decreto de 1844:

«*O exercicio da jurisdição criminal ou «contenciosa das justiças nunca servirá de «impedimento para que o Reitor deixe de «exercer tambem sobre os mesmos individuos, «ou ácerca dos mesmos factos, o direito de «inspecção e o poder da policia repressiva que «lhe compete*, para procurar a emenda do «delinquente, ou para precaver a corrupção «dos mais, e a perturbação da ordem.»

Em presença d'estes preceitos expressos e terminantes poderá duvidar-se da competencia dos tribunaes academicos para procederem contra os dois estudantes que injuriaram e diffamaram publicamente, pela imprensa, dois dos seus professores?

Certamente as justiças ordinarias poderiam cumulativamente conhecer d'estes crimes, se os Lentes injuriados e diffamados dêssem importancia a esses factos e descessem a recorrer aos tribunaes communs; mas poderá inferir-se d'ahi que estão, por esse facto, inhibidos os tribunaes academicos de proceder pela sua parte contra os dois estudantes?

Indubitavelmente não estão, e acham-se pelo contrario constituidos na mais imperiosa obrigação de instaurar os competentes processos, como aliás fizeram, cumprindo exactamente as leis cuja rigorosa observancia lhes impende.

E assim concluimos por vêr como ruin por terra a *ingenua* argumentação dos impugnadores do fôro academico, e como estes malicios energumenos estão lançados do ultimo reducto onde capciosamente se haviam entrincheirado.

Uma ultima observação nos permittiremos fazer.

O decreto de 20 de setembro de 1844, art. 182.º, tornou extensivas a todas as escholas e estabelecimentos litterarios e scientificos, na parte applicavel, *as disposições disciplinares e de policia* que a respeito da Universidade se acham ordenadas no mesmo decreto. Essas disposições abrangem o regulamento de policia academica de 25 de novembro de 1839 (citado decreto, art. 134.º).

Porque é, pois, que todos os furores declamatorios da imprensa se voltam contra a legislação da Universidade, se essa legislação é a que vigora em todos os outros estabelecimentos, incluindo as escholas superiores de Lisboa e Porto?

Não o ignoramos nós; mas talvez esta observação seja para muitos a ponta do véu que lhes descubra finalmente os malevolos intuitos com que a procella das invectivas e das protervias se desencadeia sómente contra a Universidade de Coimbra.

### RECRUTAMENTO

O Supremo Tribunal Administrativo deu provimento nos seguintes recursos, a fim de que os respectivos mancebos fiquem isentos do serviço militar:

Joaquim dos Santos, filho de Antonio Joaquim dos Santos, d'Agueda.

Antonio das Neves, pelo filho Antonio, de Barcouço, (Mealhada).

Antonio, filho de Antonio Pinho Vieira e Margarida Soares, d'Ovar.

Maria de Jesus, pelo filho José, de Agadão, (Agueda).

Luiz, filho de Manuel Francisco Rodrigues dos Anjos e Anna da Graça, de Agueda.

Manuel Ferreira da Costa, pelo filho Albano, de Aguada de Cima, (Agueda).

José Rodrigues Souto, pelo filho Manuel, e Gaudencio Simões Ferreira, pelo filho Henrique, de Espinhel, (Agueda).

José Lopes de Arede, pelo filho João, de Macieira (Agueda).

Anna Maria, viuva, pelo filho Manuel, de Macinhata, (Agueda).

Sebastião Pires dos Santos, pelo filho Joaquim, e Francisco Tavares Zanancho, pelo filho José, de Travassô, (Agueda).

Caetano d'Almeida Carvalhozo, pelo filho Antonio, de Vallongo, (Agueda).

João, filho de João Ferreira Dias, e Mathias, filho de Bernardo Tavares, d'Albergaria.

Joaquim Alves Nogueira, pelo filho João, e Patricio, e Julião, filhos gemeos de José Simões, de Angeja, (Albergaria).

José, filho de Joaquim Nunes Allão, da Branca, (Albergaria).

Joaquim, filho de Carolina dos Santos, e José, filho de Thereza Ferreira, de Arcos (Anadia).

João, filho de Simão Luiz, e Malaquias, filho de Antonio Francisco Verdade, de Avellãs de Cima, (Anadia).

José, filho de José Simões Fava, da Monta, (Anadia).

Francisco, filho de José Marques, de S. Lourenço (Anadia).

Daniel, filho de José Moreira de Seabra, de Sangalhos, (Anadia).

Albino, filho de José Fernandes; Pompilio, filho de Antonio Fernandes Pereira; e Victorino, filho de José Fernandes, de Tamengos (Anadia).

Agostinho, filho de Anna de Campos, e Manuel, filho de Antonio Rodrigues Raposo, de Villa Nova, (Anadia).

Manuel, filho de João Antonio Pereira, de Villarinho do Bairro, (Anadia).

Jeronymo, filho de Custodio Francisco; José, filho de José Pedro, e Custodia Soares, pelo filho Manuel, de Chave (Arouca).

Antonio, filho de José Fernandes, e Bartholomeu, filho de Manuel Francisco da Cruz, de Escariz (Arouca).

Joaquim, filho de Custodio Francisco dos Santos, de Mancôres (Arouca).

Albino, filho de Manuel de Pinho, e Antonio, filho de Manuel de Pinho Brandão, de Rossas, (Arouca).

Filippe Rodrigues, pelo filho Manuel, de S. Bartholomeu (Arouca).

Antonio e Manuel, filhos de Antonio Baptista, e Manuel, filho de Januario José de Oliveira, de Louredo (Arouca).

Bernardino, filho de José Duarte, de Tropeço (Arouca).

O mesmo tribunal negou provimento aos seguintes recursos, a fim de que os respectivos mancebos fiquem sugeitos ao serviço militar:

Anna Luiza, pelo filho Manuel, e Maria Felizarda, pelo filho Manuel, de Agueda.

Rosa da Silva Roche, pelo filho Manuel, de Travassô (Agueda).

Catharina Maria de Pinho, viuva, pelo filho Manuel, da Trofa (Agueda).

Joanna de Jesus, pelo filho Antonio, de Villarinho do Bairro (Anadia).

Augusto, filho de Antonio José Brandão, de Rossas (Arouca).

### REVISTA ESTRANGEIRA

Na camara de deputados franceza, continuou no dia 16 a discussão do orçamento de cultos.

Mr. Roche, radical, pediu que se supprima o capitulo setimo relativo ás pensões ecclesiasticas, chamando a attenção sobre o credito de 50:000 francos concedido em julho ultimo ao arcebispo d'Argel para as despezas de propaganda em Tunis.

Apesar da negativa da commissão de orçamentos, mr. Clemenceau pediu explicações sobre este ponto.

O presidente do conselho de ministros, mr. Duclare, observou que é este um assumpto que respeita ao gabinete anterior, e accordou-se addiar para a sessão de sabbado a discussão sobre o assumpto relativo á propaganda religiosa de Tunis, cujo credito foi outhorgado apesar de ter-se opposto a commissão de orçamentos.

A camara, em vista da declaração do governo pedindo a manutenção do capitulo, approvou-o.

No senado, em sessão do mesmo dia, poz-se á discussão o projecto de lei concedendo indemnisações ás victimas dos successos de Saida.

Mr. Jacques apoiou uma emenda pedindo que as indemnisações sejam distribuidas immediatamente sem discussão de nacionalidade.

Sustentou que isto é nobre e delicado, conforme aos precedentes e á generosidade franceza.

Fundando-se n'isto, pediu que se dêem desde já os soccorros ás victimas hespanholas, sem esperar que Hespanha indemnise os nacionaes francezes prejudicados na guerra civil carlista em Cuba, como dispõe o projecto de lei que se discute.

Mr. Develle, secretario d'estado, respondeu ao orador, dizendo que sente não poder acceitar a emenda de mr. Jacques, porque não se apresentou ainda nas côrtes hespanholas o projecto de lei concedendo indemnisações aos francezes victimas da guerra civil e de Cuba.

O senado regeitou a emenda de mr. Jacques.

Posto á votação o projecto, foi approvado sem variação alguma.

A maior parte dos jornaes de Pariz censuram a maioria da camara de deputados porque não sabe resistir ás tentativas da extrema esquerda para entorpecer as discussões.

Dizem que é tempo de que termine semelhante situação contraria ao prestigio do systema parlamentar.

A julgar pelas noticias que circularam no dia 17 nos circulos politicos, a maioria da camara consentirá na reducção de 100 milhões de francos em obras publicas para que fiquem nivelados os orçamentos.

A imprensa ministerial, fallando do credito de 50:000 francos concedido ao arcebispo de Argel, cujo assumpto suscitou grandes protestos por parte dos radicaes diz que foi accordado legalmente por mr. Humber, ministro dos cultos, como reintegro de adeantamentos feitos com destino a mudança de pessoal nas egrejas e escholas de Tunis.

Correu o rumor na Bolsa de que mr. Tirard, ministro da fazenda, apresentou a sua demissão.

Nos circulos ministeriaes desmente-se a exactidão d'esta noticia.

Não obstante isto, crê-se que será um facto dentro de um breve praso, pois é muito difficil que o ministro possa sahir da situação em que se encontra sobre a questão de orçamentos.

Na tarde de 17, e com a assistencia do ministro da fazenda, reuniu-se a commissão de orçamentos.

Crê-se que approvará afinal o projecto de ministro.

Fizeram-se novas prisões de anarchistas.

Em Lila, Lyon e outros centros manufacturarios, os fabricantes continuam recebendo cartas ameaçadoras.

Não obstante isto, parece que a agitação continua no periodo do descanso em consequencia da energia desenvolvida pelos tribunaes.

Os radicaes estão resolvidos a provocar quanto antes na camara a questão relativa ao inquerito parlamentar sobre os successos de Montceau-les-Mines, revisão constitucional e abolição das leis contra a Internacional.

Sobre o primeiro e ultimo ponto pode desde já assegurar-se, segundo a opinião d'um jornal parisiense, que haverá uma grande maioria na camara; mas não pode dizer-se o mesmo a respeito do segundo ponto, pois não só nos bancos da maioria ministerial, mas tambem no mesmo seio do gabinete ha pessoas que não ha muito tempo sustentam as conveniencias de revisar a constituição.

—Na reunião verificada no dia 16 pela sociedade abolicionista da escravidão de Londres, votou-se uma resolução pedindo que desappareça a escravidão que continua na parte tropical da Africa submettida ao Egypto.

N'este sentido vão-se fazer energicas representações ao governo inglez, para que empregue todo o seu poder e influencia afim de que se dê liberdade a todos os escravos d'aquellas comarcas e cesse o trafico.

E' uma santa cruzada que honra os seus iniciadores.

E' tempo de acabar a distincção de raças.

Perante o direito das gentes e perante a religião christã, todos os homens são eguaes.

O *Times* e o *Daily News* desmentem que tenha fundamento algum rumor d'uma proxima mudança no gabinete inglez.

## FOLHETIM

Alexandre da Conceição inseriu nos seus *Ensaios de critica e de litteratura* um retalho da biographia do antigo professor do Bom Successo, freguezia d'Arada, d'aquelle bom velho, que não tivemos a honra de ter por mestre nos nossos primeiros annos, mas que nos apertava a mão com a expansão da alegria, que nos dispensava palavras d'animação, incitando-nos ao estudo, e mostrando-nos com muitos exemplos o que valia na sociedade o homem illustrado pela applicação intellectual.

Francisco Simões Ratolla não era só um professor bondoso, com muita consciencia no desempenho das suas funcções escolares, occupando-se nas horas vagas em trabalhos agricolas, e aprumando-se magistralmente na pacifica alimaria que o transportava, como refere Conceição. Era tambem um espirito culto, uma intelligencia vigorosa. E quando ahi se implantou o systema metrico-decimal, e que veio a Aveiro um inspector, a fim de dar prelações aos professores de ensino primario, no meio de numeroso auditorio pediu Ratolla a palavra, e fallou com tamanha copia de conhecimentos sobre a materia, e fez taes demonstrações na pedra, que o publico, inspector e mestres que o escutavam prorromperam em vivas acclamações. O respeitavel ancião conheceu que tinha sido comprehendido, e os seus olhos derramaram lagrimas de enthusiasmo. Foi este um dos melhores dias da sua ingloria carreira, pois o vingaram do isolamento e da obscuridade os aplausos dos seus concidadãos.

Ratolla havia cursado os estudos superiores em Coimbra, tendo chegado a frequentar o segundo anno de mathemathica. Ignoramos as circumstancias que se opposeram á sua formatura. E' certo que o conhecemos já em avançada edade, na sua casa do Bom Successo, na modesta posição de professor de instrucção primaria.

Agora ahi vae o trabalho de Alexandre da Conceição. E' um testemunho que honra o antigo discipulo de Ratolla, e que reflecte sobre a memoria d'aquelle bom velho a saudade expressa em fraze despretenciosa pelo nosso distincto patricio e amigo, a quem enviamos d'aqui um cordeal aperto de mão.

TYPOS DA MINHA TERRA

### O RATOLLA

Eu tive por professor de instrucção primaria um homem, que, na sua humilde qualidade de preceptor de crianças, era o espirito mais lucidamente sensato, mais virginalmente bondoso e mais simples e modestamente austero que tenho conhecido.

Só muito tarde, quando o desenvolvimento intellectual me levou a reflectir nas extraordinarias qualidades moraes d'este homem, é que reconheci o alto valor de tão raro espirito, obscuramente votado ao mister de ensinar crianças.

Ha poucas pessoas no districto de Aveiro que não ouvissem fallar d'este singular professor. Chamava-se Francisco Simões Ratólla e vivia n'uma pequena aldeia, o Bom Successo, a tres kilometros de Ilhavo, onde vinha todos os dias dar lição aos seus alumnos. Estes, quando o tempo o permittia, iam quasi sempre, em alegre bando, esperal-o ao caminho e saudavam o seu apparecimento com grandes expansões de alegria e de respeito infantil. O professor, do alto da sua velha egua, d'uma antiga tristeza romantica, abafada por um enorme albardão coberto com uma pelle de cabra, d'onde pendiam uns estribos de pau nacionaes e anchos, de ferragens em arabescos, agradecia com um claro sorriso estas provas de sympathia, e caminhava para a escola com a manifesta satisfação de se ver assim estimado e querido por quem de ordinario vota aos mestres um tedio profundo, quando não é um horror justificado.

Francisco Simões Rotólla era, ao tempo em que eu o conheci, um homem de 55 a 60 annos, de estatura regular, direito, moreno, com umas pequenas suissas russas e um pouco ceremoniosas de lavrador respeitado, com uma calva correcta e bem trabalhada, usando sempre chapeu alto, ao qual o tempo e escova tinham dado o tom acastanhado e o encrespado de pello d'um velho rato de agua, calças de saragoça curtas e estreitas, casaco da mesma fazenda, collete de cotim escuro com botões de vidro azul, botins de cano alto, grossos, amplos e solidos como os de um antigo voluntario da rainha em dias de revista.

Na phisionomia aberta e sympathica d'este homem transluzia toda a ingenua bondade do seu espirito. Infundia o respeito affectuoso que nos infunde um pae.

Era aceiado e limpo como uma mulher elegante; a sua roupa não tinha uma nodoa, a lama dos caminhos não lhe salpicava as botas, nem lhe espirrava para as calças; as suas unhas eram transparentes e lusidias como as do abbade Aramis, e a sua tez morena e sadia tinha aquelle brilho egual e lavado peculiar ás pessoas aceadas e robustas.

Era elle que talhava e fazia toda a sua roupa, nos seus dias feriados; elle que concertava as suas botas, que as engraixava, que cavava o seu quintal, que podava a sua parreira, que sachava o seu milho, que regava a sua horta e que até fazia os seus palitos dos dentes, em quanto as creanças lhe liam um trecho de *Montecorde* ou lhe recitavam, cantando em côro, algumas estancias de *Camões*.

Ratólla tinha um fraco, o unico que lhe conheci: detestava as pennas metalicas, então chamadas pennas de aço; a sua penna era a penna de pato, que impunha despoticamente a todos os seus discipulos e cuja aparadela elle elevava á altura de quasi uma sciencia. No resto um excellente homem e um espirito elevado, reflectido e sensato como o de um philosopho.

A primeira obrigação que Ratólla impunha ás crianças era os seus habitos de limpeza e de aceio. Antes de entrarmos para a escola mandava-nos formar em linha de revista, por ordem de adiantamento, da esquerda para a direita. Depois de formados, o alumno da extrema esquerda da fila, o mais adeantado, sahia para a frente e começava a examinar alumno por alumno com toda a minuciosidade: olhos, orelhas, cara, nariz, pescoço, mãos e unhas. Se qualquer d'estas cousas estivesse menos limpa o alumno era mandado vergonhosamente lavar-se á fonte da Barroca, a alguns passos da escola e ameaçado com duas *bolas* no caso de reincidencia.

A revista, porém, não se limitava á limpeza da carne, ia até á roupa. Ilhavo é uma villa de uma população enorme, mas pobrissima, porque é quasi toda de pescadores. A maior parte dos meus condiscipulos andavam por isso descalças no verão e de tamancos no inverno; no verão com o trajo tão pittoresco e tão simples das suas largas ceroulas de panno-cru bem lavado e bem alvo, camisa apertada na cinta pelas ceroulas, que apenas dão pelo joelho, e barrete preto ou branco de lã; no inverno de calças de saragoça, tamancos e gabão, o caracteristico gabão ilhavense. Era preciso, porém, que tudo isto andasse limpo, concertado e que lhe não faltasse um botão.

Entre as cousas originaes—para aquelle tempo e em Portugal—que tinha o meu professor era ensinar geographia ás crianças. Sim, havia em Portugal, ha 

O correspondente em Pariz, do *Times*, fallando da passagem da declaração lida nas camaras francezas, relativa á questão do Egypto, diz, que a unica deferencia que a Inglaterra póde ter, em favor da França, é consultal-a antes das outras potencias sobre a nova organisação do Egypto.

«Não deve esquecer, accrescenta o correspondente, que ha nações que teem feito declarar por meio dos seus representantes, ao governo inglez que não opporiam difficuldades se nenhuma potencia obtivesse, ao lado da Inglaterra, no Egypto, uma situação mais favorecida do que a sua. Por conseguinte, a Inglaterra não póde conceder á França uma situação especial, sem ficar obrigada a conceder igual favor ás outras.

«O gabinete inglez, portanto, fez tudo o que póde, entabolando com a França as negociações de que falla a declaração ministerial.»

— Na sessão de sabbado da camara franceza, começou a discussão do orçamento dos cultos e o ministro d'esta pasta, M. Fallieres, declarou que, estando prompto para ser apresentado o parecer da commissão nomeada por occasião do debate anterior sobre a separação da Egreja e do Estado, quando esse parecer se apresentasse haveria a opportunidade de discutir a importante questão de se se póde manter ou abolir a concordata por via de emenda ao orçamento. «Quanto ao presente, accrescentou o ministro, bastará o governo declarar que se manterá no terreno da conservação da concordata e pedirá á camara que rejeite.

Na mesma sessão foi apresentado um projecto de lei sobre os reincidentes. Este projecto intitula-se projecto de relegação ás colonias de certos criminosos e de certos sentenciados, empregando-se a palavra relegação para indicar que essa medida se não considera como castigo.

Essa relegação póde dar-se por a reincidencia de crimes no espaço de doze annos ou depois de cinco condemnações seguidas.

O governo oppor-se-ha a todo o pedido de inquerito, a respeito dos acontecimentos de Mont ceau-les-Mines, fundando se em que esse inquerito, quando o processo já está affecto aos tribunaes, não faria mais do que introduzir uma confusão entre o poder judicial e o poder executivo ou o poder parlamentar, conforme esse inquerito se praticasse simultaneamente por um ou outro de esses dois ultimos poderes.

Em virtude de continuar a agitação em Lyon, onde na quinta feira da semana passada a auctoridade teve de empregar toda a sua vigilancia e toda a sua energia para impedir uma manifestação que devia realisar-se na via publica, lamenta uma parte da imprensa franceza que o governo tenha escolhido esta occasião para mudar os principaes funccionarios encarregados de velar pela conservação da ordem na segunda capital da França. Com effeito, o perfeito do Rhone foi mudado para Pariz e o sub-secretario geral foi nomeado sub-perfeito em Lorient. Por ultimo, foram mudados o procurador da republica e o procurador geral, sendo substituidos por um substituto do departamento do Sena e por um procurador geral de Nimes.

Seguem os telegrammas:

Pariz 18.—Gladstone disse esta noite, na camara dos deputados, que a Inglaterra procurará fazer conceder um porto no Mar Vermelho á Abyssinia, mas que é preciso não misturar essa questão com o regulamento dos negocios egypcios.

Segundo referem as noticias de Vienna, appareceram alli cartazes annunciando que os operarios trucidarão simultaneamente os burguezes em Vienna, Pariz e Madrid.

A policia de Lemberg prendeu no porto de Suez seis operarios que traziam comsigo folhas socialistas e bombas.

Pariz 17.—Não é exacto o boato, que hoje se espalhou na bolsa, a respeito da demissão do ministerio; pode, porém, brevemente ser verdadeiro.

Londres 17.—A Inglaterra não se oppõe formalmente a que a Turquia envie um commissario seu ao Egypto.

Sir Staford Northecote, que está enfermo, partirá breve para o continente, a fim de restabelecer-se; ficou o sr. Crorf dirigindo a opposição.

Paris, 18.—Camara dos deputados.—O sr. Villers, por occasião da discussão do orçamento do ministerio dos negocios estrangeiros, manifestou o seu receio de que o papa se veja obrigado a sahir de Roma, e acrescentou que a lei de garantias é uma hipocrisia.

Dublin, 18.—A policia prendeu um individuo chamado Vitington, que era portador de 18 pacotes de dinamite.

Alexandria, 18.—Está suspenso o processo de Arabi-Pachá. Os depoimentos provam que Arabi é culpado dos incendios e dos morticinios.

Londres, 18.—A rainha passou revista a 8:000 homens, que regressaram do Egypto. Houve grande entusiasmo.

Lião, 19.—Foram presos uns 20 individuos, e entre elles 3 estrangeiros, como suspeitos de fazer parte d'uma associação internacional que tem por fim provocar a suppressão do trabalho e a abolição da propriedade, da patria e liberdade.

Paris, 19.—Annuncia-se que, em resultado do tratado de Brazza, a canhoneira franceza *Sagitane* será provisoriamente enviada ao Congo para subir este rio.

Madrid, 20.—O conselho de ministros occupar-se-ha esta noite do tratado de commercio com Portugal.

## A QUESTÃO DO ZAIRE

E' gravissimo o estado das cousas com relação ás nossas possessões do Congo.

A França fez alli um tratado de compra com o rei Makoko, que virá a inquietar-nos muito se o governo portuguez não procurar prevenir-se contra o que a esse respeito possa succeder.

O *Correio da Noite* põe a questão nos termos que os nossos leitores vão ver, e nós, secundando os seus reparos, exigimos do governo que providenceie de modo que não vejamos perdido o que possuimos n'aquella parte do mundo, que tanto custou a nossos maiores.

«O *Economista* publicou hoje o seguinte telegramma, que lhe enviou o seu correspondente em Paris:

*Paris, 18, ás 3 h. e 10 m. da t.*

«O presidente do conselho apresentou o tratado de Brazza. O relatorio que o precede insiste nas grandes vantagens que resultarão para os interesses francezes, da posse da margem direita do Zaire e do estabelecimento de doze estações n'essa margem, para assegurar o commercio francez e as vantagens da descoberta (?!) de Brazza.

A camara votou a urgencia por unanimidade.»

Logo que se soube do tratado feito pelo explorador francez M. de Brazza com o rei Makoko e seus regulos, a imprensa opposicionista chamou a attenção do governo para este grave assumpto, e, sem fazer intervir n'elle a menor sombra de interesses partidarios, ponderou quando convinha adoptaram-se providencias energicas, que resalvassem os nossos direitos no Congo, simultaneamente ameaçados pela Belgica e pela França. Não é que o tal tratado tenha em si proprio grande valor; mas vale muito desde que a França o adopta como pretexto para legitimar a occupação da margem esquerda do Congo, e n'ella estabelecer uma colonisação regular e uma exploração commercial em ponto grande.

Que fez o governo portuguez diante d'estes factos, de tão alto interesse para a nossa dominação colonial e para o nosso commercio africano? Que satisfação deu a tantas reclamações, que pela imprensa lhe oram dirigidas. Vamos dizel-o em poucas palavras; o governo não fez coisa alguma, nem ligou a minima importancia ao assumpto. Ah! que se estivesse em jogo uma tranquibernia grauda para espezinhar os contrarios ou um acjo de revoltante favoritismo para *arranjar* os afilhados, elle andaria então solicito e presto para levar a bom exito a ruim obra. Mas, como se tratava do paiz... Os sublimados pretores não curam de coisas pequenas.

O governo não fez coisa alguma. Segundo disse n'um dos seus ultimos numeros o *Temps*, que vive em bom pé de informações officiaes, o governo portuguez não dirigiu nota alguma ao governo francez reivindicando a integridade da nossa soberania no Zaire, que o tratado feito com o rei Makoko offende. E hontem á noite esteve ainda em S. Carlos o sr. Mendes Leal... que é nosso ministro em Paris. Em Paris faz agora muito frio. Ahi estão as diligencias diplomaticas do nosso bom governo.

Pelo lado das providencias de administração colonial, regista-se o mesmo absoluto abandono. Segundo as ultimas noticias de Angola, as poucas feitorias portuguezas que havia no Zaire, vão sendo successivamente compradas por estrangeiros. Cremos que já só uma ou nenhuma resta, onde se arvore a bandeira portugueza! E todavia, a colonia portugueza é alli a mais numerosa. O governo não faz o mais pequeno esforço para impedir este movimento de desaggregação, que da parte dos estrangeiros obedece a um plano absorvente, nem adopta providencias para contrapor á invasão estranha o alargamento da colonisação nossa. O Zaire, como toda a provincia de Angola, continua ao abandono, e só de longe em longe de lá chegam os echos das questões, que o Banco ultramarino, nas suas funcções de cancro roedor, alli levanta. São sómente os rumores dos organismos em decomposição!

Que tristissima e cruel liquidação hade de se deixar a politica dos arranjos e da gravidade das circumstancias! Em menos de dois annos, que ella leva de vida, é quasi já um desmoronamento geral.

## RECORDAÇÕES HISTORICAS

A proposito do actual conflicto do governo portuguez com o nuncio apostolico, lembra o «Commbricense» que tem sido mandados sair d'este reino alguns nuncios, tanto durante o governo absoluto, como do liberal, e aponta exemplos de ambas as épocas, advertindo que tanto no reinado de D. João V, como de D. José I, além de serem mandados sair os nuncios do paiz, se interromperam por parte de Portugal as relações com a côrte de Roma.

Pedimos ao nosso erudito collega licença para os transcrever:

### 1728—Reinado de D. João V.

*Officios do secretario de estado Dioqo de Mendonça Corte Real mandando sair de Lisboa e de Portugal o nuncio apostolico monseuhor Firrão.*

«Illm.º sr.—Sua magestade me ordenou avisasse a v. s.ª illm.ª era servido que saisse d'esta côrte, e o auditor da nunciatura, dentro de cinco dias, e dentro de dez dos dominios d'esta coroa: o que participo a v. s.ª illm.ª para que o tenha entendido, e o advirta ao dito auditor; e para servir a v. s.ª illm.ª estou muito prompto.

Deus guarde a v. illm.ª Paço 24 de Março de 1728.—*Diogo de Mendonça Corte Real.*—Sr. arcebispo de Nicéa.»

«Illm.º sr.—Em 24 do corrente avisei a v. s.ª illm.ª ser sua magestade servido que v. s.ª illm.ª e o auditor saissem d'esta côrte dentro de cinco dias, e dentro de dez dos dominios d'esta coroa; e porque são passados os primeiros cinco dias sem que v. s.ª illm.ª ou executasse o referido ou allegasse razão alguma para o não fazer, me manda sua magestade declarar a v. s.ª illm.ª que quando não execute logo o que lhe tenho avisado, sua magestade usará d'aquelles meios com que póde e deve fazer effectivas as suas resoluções; e para servir a v. s.ª illm.ª estou muito prompto.

Deus guarde a v. s.ª illm.ª Paço 30 de Março de 1728.—*Diogo de Mendonça Corte Real.*—Sr. arcebispo de Nicéa.»

### 1760—Reinado de D José I

*Carta do secretario de estado D. Luiz da Cunha ao nuncio apostolico o cardeal Acciajuoli mandando-o sair de Lisboa e de Portugal.*

«Exm.º e revm.º sr.—Sua magestade, usando do justo, real e supremo poder, que por todos os direitos lhe compete, para conservar illeza a sua auctoridade regia, e perservar os seus vassallos de escandalos prejudiciaes á tranquillidade publica dos seus reinos: me manda intimar a vossa eminencia, que logo immediatamente á apresentação d'esta carta haja vossa eminencia de sair d'esta corte para a outra banda do Tejo; e haja de sair via recta d'estes reinos no preciso termo de quatro dias.

Para o decente transporte de vossa eminencia se acham promptos os reaes escaleres na praia fronteira á casa da habitação de vossa eminencia.

E para que vossa eminencia possa entrar n'elles, e seguir a sua viagem e caminho, sem o menor receio de insultos contrarios á protecção, que sua magestade quer sempre que em todos os casos ache em seus dominios a immunidade do caracter, de que vossa eminencia se acha revestido, manda o dito senhor ao mesmo tempo acompanhar a vossa eminencia até á fronteira d'este reino, por uma decorosa e competente escolta militar.

Fico para servir a vossa eminencia com o maior obsequio. Deus guarde a vossa eminencia muitos annos. Paço a 14 de Junho de 1760.—De vossa eminencia obsequiosissimo servidor—*D. Luiz da Cunha.*»

*Aviso do secretario de estado D. Luiz da Cunha mandando sair de Lisboa e de Portugal o abbade Tetta, auditor da nunciatura.*

«Sua magestade é servido que vossa mercê no termo de vinte e quatro horas precisas e peremptorias, que principiarão a correr da data d'este aviso, haja de sair d'esta corte, para a outra banda do Tejo. E que no preciso espaço de seis dias saia d'este reino indispensavelmente.

Deus guarde a vossa mercê. Paço em 2 de Agosto de 1760.—*D. Luiz da Cunha.*—Senhor abbade Tetta.»

*Aviso do secretario de estado D. Luiz da Cunha mandando sair de Lisboa e de Portugal a Jacintho Acciajuoli.*

«Sua magestade manda intimar a vossa senhoria que no preciso termo de vinte e quatro horas, haja vossa senhoria de sair d'esta côrte para a outra banda do Tejo, e no espaço de seis dias improrogaveis dos dominios d'este reino: Para o que achará vossa senhoria promptas todas as carruagens, e transportes, que lhe forem necessarios, com aquella decencia que a benignidade de sua magestade em nenhum caso permitte que na sua corte se altere, nem ainda pelo direito commum da represalia.

Deus guarde a vossa senhoria. Paço a 2 de Agosto de 1760.—*D. Luiz da Cunha.*—Senhor Jacinto Acciajuoli.»

### 1833—Reinado de D. Maria II

*Portarias do ministro dos negocios estrangeiros, Candido José Xavier, mandando sair de Portugal o nuncio apostolico, cardeal Justiniani.*

«Constando a sua magestade imperial o duque de Bragança, regente em nome da rainha, que n'esta capital ha a maior indisposição contra v. eminencia, e não querendo o mesmo augusto senhor que um delegado do summo pontifice seja insultado nos estados portuguezes, mandou preparar uma embarcação para transportar a v. eminencia ao porto de Cadiz, donde possa seguir sua viagem; devendo comtudo sair dentro de tres dias. O que de ordem do mesmo senhor tenho a honra de participar a v. eminencia. Deus guarde a v. eminencia. Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 29 de Julho de 1833. —*Candido José Xavier.*—Eminentissimo e reverendissimo senhor cardeal Justiniani.»

---

«Eminentissimo e reverendissimo senhor.—Sua magestade imperial o duque de Bragança, regente em nome da rainha, tomando em consideração o que v. eminencia representou a respeito do seu embarque para Genova, manda communicar a v. eminencia que não ha inconveniente em que v. eminencia se embarque a bordo do bergantim sardo *L'anunta*, capitão Emmanuele Bisson, em vez de aproveitar a offerta que o mesmo augusto senhor lhe fazia de uma embarcação de guerra que o transportasse; e outrosim permitte que v. eminencia demore a sua saida para o fim de mais commodamente poder arranjar os seus effeitos, até ao dia segunda feira, 5 de Agosto proximo futuro; ficando passadas as competentes ordens á alfandega e ás torres para se não pôr embaraço algum ao livre transito da sua bagagem, e do dito navio. O que tenho a honra de communicar a v. eminencia para seu conhecimento. Deus guarde a v. eminencia. Paço em 31 de Julho de 1833.—*Candido Jose Xavier.*—Eminentissimo e reverendissimo senhor cardeal Justiniani.»

## ECCOS DA IMPRENSA

Do *Progresso*:

RES NON VERBA

O orgão official do legitimismo n'este paiz, que o é ao mesmo tempo do nuncio apostolico, declara cathegoricamente que entre o governo e o representante, da Santa-Sé não houve, nem ha conflicto algum, continuando a existir as mesmas relações de boa amizade e conciliação, que sempre existiram, e que nem o contrario era de asperar da efficaz prudencia e illustração do nuncio apostolico.

Esta declaração, depois de um outro periodo em que a *Nação* vem revelar que «houve algumas duvidas com respeito á pessoa de alguns candidatos ao episcopado» confirmando assim a existencia do conflicto, é de uma contradicção flagrante.

Mas se, como essa revelação authentica não fosse bastante, confronte-se com os termos em que o *Jornal da Noite*, folha decididamente governamental, se expressa sobre o assumpto.

Folgamos de que reconheça, que os jornaes, que d'esta questão se teem occupado, não teem outro fim que não seja o de salvaguardar os direitos e regalias da corôa portugueza, em presença «do modo reprehensivel com que tem procedido o nuncio de sua santidade, monsenhor Masella, *afastando se das boas praticas conciliadoras e harmonicas*, que tão de dever correm áquelle que entre nós representa o vigario de Christo».

Está convencido o collega de que são cabidas as accusações que lhe movem e verdadeiras as culpas de que o arguem. E sendo assim, acrescenta, indiscutivelmente corre ao governo o dever tão imperioso, quanto é grave a causa que o produz, de sem delongas proceder e reprimir as demasias em que haja incorrido o nuncio, e desembaraçar-se de vez *das difficuldades accintosas e indesculpaveis, que o mesmo nuncio lhe haja creado.*

Entende, no que estamos de perfeito accordo, «que nem o governo, nem o clero portuguez pódem consentir, pelo seu decoro, que a alta auctoridade ecclesiastica enviada de Roma para junto da nós conciliar os interesses da egreja com os interesses e as leis do paiz, junto da cujo governo é acreditado, viole os santos principios da hospitalidade e o respeito pelo paiz em que se encontra, *para se converter em semeador de sizanias entre o clero,—perseguidor do clero illustrado e liberal e* OBSTACULO INVENCIVEL E SYSTEMATICO *a todos os desejos legitimos do governo da nação.*»

Não se póde ser mais explicito.

Concluiu aquelle jornal alvitrando a solução que lhe parece mais proficua e salutar para o governo e para o clero portuguez, que é: «entregar ao nuncio os seus passaportes e elevar á Santa Sé os motivos d'este procedimento, no caso de que monsenhor Masella não se compenetre da necessidade de uma isenção completa da sua parte em tudo que não respeite ao stricto cumprimento das suas funcções diplomaticas.»

Se estas são as idéas do governo, como parece dal-o claramente a entender um dos jornaes, que mais estão na sua intimidade, creia que merecerá a approvação despreoccupada de todos os liberaes d'esta terra, que, mercê de Deus, apezar dos trabalhos de sapa ou dos esforços descarados do jesuitismo, ainda constituem a grande maioria da nação.

Tambem outra folha governamental, o *Economista*, se occupa do assumpto. Julga que a attitude da imprensa levou a confusão aos arraiaes reaccionarios. Que estes se apresentam mansos e conciliadores, submettendo-se os que costumam responder com altivez e dando explicações os que usam levantar-se irados contra os que lhes censuram as demasias.

Analysando o que diz a *Nação*, regista os bons propositos em que, segundo o parecer da folha miguelista, parece estar o sr. nuncio.

Mas, depois de tudo isso, apenas uma duvida seria preoccupa o collega. E o facto de ver o sr. nuncio acolher-se exactamente ao periodico, que representa entre nós a reacção na politica e na religião, para se defender das accusações que lhe teem sido feitas, e prestar-se esse periodico, ou quem o inspira, a explicar todos esses factos *que denunciam o trabalho presistente do partido reaccionario.*

«N'isso, diz o *Economista*, é que vemos o maior perigo e a confirmação dos receios que nos assaltam de que se tramem effectivamente esses planos reaccionarios, que tantos factos nos estão attestando». *A reacção*, conclue, *sabe fingir-se submissa, condescendente, quando os ventos lhe não correm tão de feição como suppunha.*

«E' por isso que hoje, como hontem, repetimos—cautela!»

Longe de pertendermos discutir n'este ponto com o *Economista*, com quem estamos de accordo na questão sujeita, permittir-nos-hemos recordar-lhe, que desejariamos ter-lhe ouvido tão explicita linguagem por occasião da celebração do centenario do marquez de Pombal, que nem a toda a gente agradou.

Pois creia o collega, que a feição verdadeiramente popular e sympathica de essa solemnidade nacional foi sem duvida alguma a glorificação d'aquelle espirito superior que desprendido de frouxas complacencias, fez sentir ao jesuitismo a força da sua vontade inabalavel e teve a firmeza e patriotismo bastantes para corrigir sem dilações a insolencia do nuncio Acciaiolli. Não se fizeram então esperar, como é sabido, as satisfações de Clemente XIV.

Na administração pombalina lavrou a geração actual n'este paiz um energico protesto contra a reacção, que entretanto, contando com a tolerancia e apathia do governo, procurava resfolgar em improperios nas assembleias verrinosas do chamado congresso catholico ao Passeio.

Estimamos que o governo reconsidere, como a linguagem da imprensa que lhe é affecta faz suppor.

D'esta vez chegou-lhe ao vivo, como se colhe da communicação, em que o correspondente do *Jornal da Manhã* conta que o nuncio chegara a desacatar o sr. ministro da justiça, n'uma conferencia, sendo o sr. Julio de Vilhena obrigado a interromper o dialogo *e a fazer sair o nuncio.*

Fazel-o sair do seu gabinete não basta. O marquez de Pombal sabia fazer as coisas melhor e o Portugal do ultimo quartel do seculo XVIII não era o Portugal de hoje, em que a opinião publica se achará toda ao lado do governo n'este ponto, desde que elle queira devéras arredar do paiz as influencias nefastas da reacção, de qualquer cathegoria que ellas sejam ou sob qualquer disfarce ou pretexto que actuem.

Muito bem diz a *Revolução* a este respeito, que «o povo conhece só uma auctoridade e um poder no paiz, a que deriva da sua propria soberania, e embora a crença o ligue á egreja, o sentimento consciente e convicto dos seus direitos liga-o mais intimamente ainda ao estado.»

Mais abaixo não deixa a menor duvida sobre a resolução em que parece estar o gabinete quando diz que «a reacção representada no nuncio apostolico perde o seu tempo, se julga com blandicias, ou com severidades catechisar o alto clero portuguez *para tornal-o o instrumento da sua obra nefasta e negra.*»

E maravilha-se de que sendo Leão XIII um espirito conciliador, que procura a boa harmonia da egreja a que preside, com os estados do orbe catholico, o seu representante na corte de Lisboa vem lançar a semente da discordia e tenta levantar conflictos entre os subditos mitrados e os altos poderes do estado.

Está de accordo o orgão semi-official do gabinete com os jornaes da opposição, e sempre com elles prompto a combater os manejos reaccionarios, que pretendem sobresaltar os espiritos, e a pugnar pela honra da patria, que é de todos nós, e que a todos exige a leal cooperação em bem servir, achando que já basta para accusar de perturbador das consciencias, e de possivel perturbador da ordem publica, *o forasteiro, recebido entre nós como representante do summo pontifice e que, olvidando a sua missão de paz e de conciliação,* PROCURA CHEAR EMBARAÇOS AO GOVERNO DO ESTADO, *servindo-se de uns bispos reaccionarios, ao passo que desconsidera o alto clero portuguez*, aquelle que acima de tudo acata e mantem firme as prerogativas, o brio e o decoro nacional.

Termina a *Revolução* por estas palavras, que registamos, sem pôr em duvida a sinceridade dos intuitos, que as dictaram:

«O illustre ministro da justiça saberá seguramente ser portuguez e liberal e nós não teremos senão a applaudil-o pelo seu procedimento, como o applaudirá tambem a opposição, esquecida n'este assumpto, que é importante, das dissenções partidarias.»

Nem mais nem menos. Esta resposta ao appello da opposição é digna. Esperamos que os factos o sejam não menos.

*Res non verba.*

A *Nação* continua a dar por paus e por pedras, ou antes o sr. nuncio a inspirar lhe aquelles desabafos, que não resistiriam a uma discussão seria.

Depois de nos ameaçar com a *ira celeste* como canta na *Hebrea* o cardeal de Brogni, falla-nos da effervescencia ou ebulição dos animos catholicos e diz que *quando essa espuma transbordar*, elles imporão a sua vontade, por um modo firme e decidido.

E' justamente para que a escoria ou espuma da reacção não transborde com essas effervescencias alimentadas pelo sopro nefasto dos reaccionarios da polpa, que a imprensa liberal se collocou toda, sem excepção, ao lado do governo para que elle não hesite e cumpra com o seu dever.

*Res non verba.*

---

A ELEIÇÃO DO FUNCHAL

Para a historia da eleição do Funchal, por onde o sr. Braamcamp havia de ser eleito *por esmola e favor do governo*, e onde afinal perdeu *apezar do apoio das auctoridades*, damos as seguintes informações, que encontramos no periodico madeirense *A Luz*:

«A candidatura do sr. conselheiro Anselmo José Braamcamp foi guerreada deslealmente pela auctoridade.

Nunca o partido progressista na Madeira mostrou tanta fôrça. Bateu-se contra regeneradores, constituintes, republicanos, um grupo catholico, que propoz o padre Senna Freitas, contra a corrente fascinadora da *nova ideia* republicana, contra os agentes da auctoridade;—e, ainda assim, não vencendo, o candidato progressista foi o mais votado!

. . . . . .

O sr. visconde de Villa Mendo fôra então chamado a Lisboa; e assumira a administração superior do districto o sr. visconde da Calçada, ultimamente nomeado governador civil substituto, por proposta do governador civil, de accordo com os regeneradores, e em harmonia com os desejos do sr. Agostinho de Ornellas.

O sr. visconde da Calçada, ouvindo unicamente os mesmos conselheiros que rodeavam o sr. visconde de Villa Mendo, e, fiando-se inteiramente n'elles, não toma nenhumas providencias, para impedir a guerra, contra o sr. Braamcamp, das auctoridades suas subalternas.

Administrador do concelho e regedores ficam todos os mesmos, inteiramente dedicados aos adversarios.

Bem depressa começa pelas ruas da cidade, e depois propagam-se para os campos, descantes republicanos, e offensivos da monarchia e da dynastia reinante.

E esses cantos republicanos, subversivos da ordem, essas assuadas, esses vivas á republica, cresceram e multiplicaram se impunemente, chegando a *inconsciencia* da criminalidade do acto, ou a *certeza da impunidade* do crime, até a ponto de virem os desordeiros á Praça da Constituição, nos dias dos annos de sua magestade el-rei, o sr. D. Fernando, e de sua magestade el-rei, o sr. D. Luiz I, diante de immensa quantidade do povo reunido para o festejo, e á face das auctoridades,—dar vivas á republica!

E as auctoridades, apezar de desacatadas, deixaram a multidão continuar livremente na sua desordem desenfreada pela cidade e pelos campos circumvisinhos, especialmente por Santo Antonio; e tudo passou, como se fosse tudo festejos pelo anniversario natalicio do nosso rei!

Então, quando já a onda tinha crescido a este ponto, o sr. commissario de policia declarou que não tinha fôrça para conter o povo, e achando-se doente, pediu licença para tratar da sua saude.

O sr. administrador do concelho a quem cumpria substituir o sr. commissario, declarou que não podia tomar a responsabilidade dos dois cargos; sendo então nomeado, para exercer o logar de commissario de policia, o sr. capitão Camacho.

. . . . . .

Já nos causou surpreza que quasi todos os empregados da camara municipal do Funchal, de que é escrivão o sr. João de Santa Anna, e Vasconcellos, e de que são vereadores o sr. Silvano de Freitas Branco, cunhado do sr. João de Sant'Anna, e o sr. Salles Caldeira, votassem no candidato republicano; e, especialmente que o sr. director das obras municipaes fizesse votar no mesmo sentido empreiteiros, e inspectores, e trabalhadores d'essas obras!

Já nos causou surpreza que vogaes do conselho do districto e da commissão distrital se manifestassem a favor do candidato republicano!

Mas, muito mais nos surprehendeu que se empenhassem a favor da mesma candidatura empregados do estado, e, especialmente, professores de instrucção publica, taes como os srs. drs. Manuel José Vieira e José Leite Monteiro, professores do lyceu, e este ultimo, principalmente, que se apresentou como um dos mais enthusiasticos propagadores da *idéa nova*; sendo até orador n'um comicio republicano, a que assistiu a auctoridade!

Todavia, o que, sobre tudo, é lamentavel, é que empregados da administração do concelho e do corpo de policia civil se apresentassem *abertamente* como republicanos! e que quasi todos os regedores de parochia, trabalhassem escandalosamente a favor da candidatura republicana!

Os mais salientes foram:—o regedor de S. Gonçalo, que, até, na assembléa eleitoral de Santa Maria Maior, estando presente, não tomou assento na meza, para ficar fóra passando listas do candidato republicano;—o regedor de Santa Maria Maior, o sr. Henrique José Moniz, a quem a candidatura republicana tambem deve grandes serviços;—o regedor effectivo da freguezia do Monte, Manuel Gomes Vieira, e o seu substituto, genro e commensal, que trabalharam ambos pela candidatura republicana;—o regedor de S. Roque, feitor do sr. administrador do concelho do Funchal, que distribuia proclamações republicanas aos proprios caseiros do sr. governador civil, a quem estes as levaram;—o regedor de Santo Antonio, nomeado delegado do administrador do concelho na assembléa eleitoral de Santo Antonio, que mostrou a sua lista quando votou, fazendo gala de que não votava em Braamcamp, e, entre outros actos salientes, em que torcia sempre a razão a favor dos eleitores que sabia votarem contra Braamcamp, influiu, com o seu parecer, para que o presidente impozesse a sua vontade á meza, sendo alterada uma praxe constantemente seguida n'aquella assembléa, e resultando d'ahi retirarem da assembléa, sem votar, cerca de 300 eleitores da freguezia de S. Martinho, que, era a freguezia, em que, todos sabiam, o sr. Braamcamp devia ter, e, effectivamente, teve, maior votação;—mas, sobre tudo, o regedor de S. Pedro, o sr. Felix Corrêa de Mello, conhecido aqui por todos como um dos elementos mais importantes do grupo *republicano* d'esta cidade, e a quem, todavia, a auctoridade *monarchica* nem deu, sequer, a *demissão* que *elle sollicitou* poucos dias antes da eleição!!!»

Ora ahi teem o que foi a eleição do Funchal: uma colligação de regeneradores, constituintes e agentes da auctoridade em favor de um candidato republicano contra o chefe de um partido monarchico!

Não accusamos o sr. Fontes de deslealdade. Bem ao contrario. Mas teriamos direito a accusal-o pelo desleixo quasi imbecil, com que deixou que os agentes do governo na Madeira, e os seus collegas do reino e das obras publicas, o ludibriassem, se essa questão não fosse só para ser liquidada entre o sr. Fontes e os seus amigos. Em quanto a nós, o sr. Thomaz Ribeiro, o sr. Hintze Ribeiro e os seus amigos estavam no direito de proceder como bem quizessem, e em tempo competente accentuamos de maneira frisante essa liberdade de acção.

Fizeram o que tiveram por melhor. Mas, o que fizeram foi uma colligação, protegida pelos srs. ministros do reino e das obras publicas, de agentes da auctoridade, regeneradores e constituintes contra o chefe do partido progressista e em favor do candidato republicano. E' isso o que fica assentado para a historia.

## A EXPOSIÇÃO CERAMICA

### VII

A INDUSTRIA ACTUAL

Antes de fallarmos dos azulejos modernos, como promettemos, é de toda a justiça dedicar alguma attenção a tres grupos de objectos, que ainda pertencem á secção que tractamos nos dous artigos anteriores. Referimo-nos á louça de Coimbra, á louça de Aveiro e á louça preta da sr.ª viuva Soares Rego.

Em Coimbra conservou-se tradiccionalmente o fabrico de uma faiença barata, popular, cuja ornamentação é summamente caracteristica. O barro é de boa qualidade, o esmalte delgado, bastante claro, e funde-se bem com a massa, a cozedura é satisfactoria, porque a louça dá um toque metallico, as côres são vivas, resistentes e bastante variadas—n'uma palavra: o producto agrada; não fallamos nos preços porque esses são, como sempre, muito baixos: a usura dos revendedores é que os faz subir, prejudicando gravemente o pobre fabricante e o publico, e compromettendo o futuro da industria.

Para o archeologo essa louça de Coimbra tem ainda um valor especial, porque é a unica faiença nacional que representa hoje, claramente, a tradição oriental, e, diremos particularmente, a influencia do estylo arabe.

Se fossemos a escolher entre os estylos do Oriente, diriamos que é a arte persa popular que tem com a arte de oleiro de Coimbra maior similhança. E' sabida a intima ligação que existe entre o estylo persa e o estylo hispano-arabe da idade média; isto é corrente para aquelles que estudam historia da arte, mas n'este logar convém accentuar a ligação, para que não haja duvidas. Não deve admirar esta remota affinidade através dos seculos e dos mares, quando na olaria das aldeias, tanto na louça preta como na vermelha, tosca (não vidrada), achamos fórmas de vasilhame e motivos de ornamentação puramente prehistoricos e que poderiam terem sido achados tanto nas habitações lacustres da Suissa, como na Asia Menor, como na Bretagne, ou na Scandinavia.

Esse pintura de louça de Coimbra, simulando pennas e penachos de aves raras, de plumagem avelludada, deslumbrante, de caudas de pavão, traçadas sobre um fundo formado por grandes létos verdes, produz um effeito tão singular, dá á louça um aspecto tão archaico, tão caracteristico, que é impossivel confundil-a com a de outra qualquer região. No meio d'esses motivos de ornamentação apparece só raras vezes uma ave, mal desenhada, que denota logo impericia, ou alguma caricatura humana, com uma inscripção torta em todo o sentido, peccando contra o senso commum, e contra a ortographia. Deixem-se d'isso; ou se querem, por força, mostrar que aprenderam a lêr na cartilha procurem entre os adagios populares—porque os ha em abundancia e muito bons—um que diga na sua linguagem franca e portugueza o que a sabedoria do povo inventou, e, portanto, aquillo que elle póde e sabe comprehender. Um: VIVA O PAUGUÊÇO, é uma banalidade; é um effeito rhetorico para outras occasiões, e não faltam ellas no paiz.

Com os adagios podiam alterar os typos de costumes, os trajos populares, as scenas da vida rustica, as festas de campo e da aldeia, os instrumentos do trabalho, os fructos das terras, as arvores de fructo, etc. Tomem os oleiros a iniciativa n'esta reforma e façam sentir ao povo a poesia da sua propria vida. E' verdade, que antes d'isso é preciso que os sabios lhes deem escolas e que os mesmos sabios não levantem no paiz monumentos que pervertem o gosto do povo, presisamente nos momentos em que a alma popular procura expansão e alegria.

Parece isto uma digressão, mas não o é. Se na arte mais popular que temos em todo o paiz, se na olaria se fizer uma propaganda racional e paciente, respeitando se tudo quanto a tradição historica tem de valioso, teremos dentro de uma geração, isto é, dentro de cincoenta annos, transformado a educação artistica do paiz, sem consultar nenhuma commissão, nem nenhuma Academia. E, na verdade, nenhuma arte é mais popular no paiz, nenhuma se multiplica com mais facilidade, nenhuma se insinúa mais habilmente na habitação humana, nenhuma anda mais ligada á vida intima da familia; tambem nenhuma faz mais com menos recursos. E' por isso que o povo a ama tanto; ahi está a chave do segredo, o seu encanto.

Voltando, pois, á louça de Coimbra diremos que ella dispõe, sob o ponto de vista em que fallamos, de elementos valiosos, technicos e artisticos; falta regular a sua applicação e fazer sentir o que se póde fazer com elles, e o que se deve evitar. A palangana com o peixe, esmaltado de verde e azul, que nada na borda e corre atraz de um ramo de flôres é uma phantasia original, mas arriscada; ao pé está uma palangana de plumagens de melhor effeito (srs. Pessoa, irmãos).

O mesmo industrial apresenta-nos uma bacia e um jarro com flôres bem pintadas em boas côres e variados tons; uma outra peça com figuras azues, e uma bilha de bonitas fórmas com a vista da ponte D. Maria Pia e o Palacio de Crystal, pintado a azul. Estas peças provam muita habilidade de parte do pintor; diremos até que é boa de mais para o material em que foi empregada. Os outros expositores de Coimbra seguem na pintura os motivos tradicionaes.

Em Aveiro encontramo-nos com uma fabrica, a dos srs. Guimarães & Norberto, fundada ha poucos mezes, em junho. Os trabalhos expostos merecem elogio; as duas bilhas, principalmente a azul, com ornamentação vermiculada, são typos bellissimos, dignos da collecção mais aristocratica.

A faiença da fabrica é de boa massa e bem vidrada, de segunda classe as bilhas e de terceira classe, louça popular barata. A mesma fabrica apresenta tentativas de imitação de louça das Caldas, que merecem especial menção.

Um outro expositor da mesma região, o sr. Francisco Patoilo, de Ilhavo, mandou uma serie de peças preparadas com kaolino, em biscouto, que denotam talento no modelador. São dous bustos do marquez de Pombal, dous supportes com figuras de anjos alados, balaustres, vasos de jardim, etc. Deveriamos reservar esta referencia para outra occasião, quando tivessemos de fallar da porcelana da Vista Alegre, feita com materia kaolinica, mas preferimos citar aqui este corajoso industrial, que lança mão de tão bom material, com tanto tino, porque as suas peças não são propriamente porcelana, mas sim composição com massa kaolinica em biscouto.

Fecharemos a serie com uma analyse das peças que vieram da ilha de S. Miguel. O sr. Manoel Leite Pereira um oleiro muito habil. O seu material rivalisa com o material mais perfeito da exposição. A preparação d'elle deve ser feita com cuidado excepcional para produzir o effeito seductor que todos os visitantes experimentam. Não temos reservas a fazer; o leitor é incondicional no que diz respeito á manipulação do barro.

O esmalte é digno do barro vermelho, que elle cobre, produzindo um castanho escuro muito brilhante, com largas manchas mais escuras e outras côr de leite, que descem em cortinas pelo bojo das garrafas, formando uma renda caprichosa. Se o sr. Pereira quizer traduzir no seu bellissimo material as fórmas puras da arte classica, e ornal-as sobriamente, com criterio, segundo os typos que estão patentes na exposição, poderá levar os seus productos a todos os mercados na Europa, porque os venderá em todos.

As fórmas que apresenta não têem merecimento especial, postoque não sejam feias. Um par de jarras pintadas de flôres, com esmalte branco, provam que o sr. Pereira sabe produzir faiença, que poderá rivalisar brevemente com a melhor de Lisboa e Porto.

No seu genero é especialidade tambem, e muito distincta, a louça preta vidrada da sr.ª viuva Soares Rego, a que alludimos já e que iamos esquecendo. A côr é intensa, uniforme, sem mancha; o esmalte extremamente bril

ma, e o official de diligencias Francisco d'Araujo.

— A ultima *soirée* dançante da presente estação, e encerramento do Club da Foz por este anno, devem realisar-se no proxima quarta-feira, 22, e não na quinta-feira—como haviamos annunciado.

O sarau musical-dançante, effectuado na ultima sexta-feira, esteve luzidissimo. Concorreram mais de 120 senhoras, e grande numero de cavalheiros. O programma era muito selecto, e teve uma execução brilhante.

*R. C.*

**Pesqueira 17 de novembro.**

Acha-se entre nós o sr. Luiz Pinto de Soveral, primeiro secretario da embaixada portugueza em Madrid. Está hospedado em casa de seu thio o sr. Jorge Arthur Pinto de Soveral, chefe do partido progressista d'esta villa. Ignoramos quanto tempo aquelle sr. tenciona demorar-se n'esta terra.

— Tem estado bastante doente, com um ataque de paralysia, o sr. Francisco Borges Soeiro, juiz de direito d'esta comarca.

— Foi transferido para Villa Flôr o sr. Bernardino Alves, vindo substituil-o no logar de telegraphista o sr. Joaquim Augusto de Mendonça.

— Acha-se actualmente em Lisboa o sr. Balthazar Augusto Ribeiro, digno administrador d'este concelho, aonde, segundo nos consta, foi a concurso para delegado. Estimaremos que este sr. obtenha o que deseja.

Z.

## SECÇÃO MEDICA

CLINICA MEDICA HOMOEOPATHICA

DO

**Dr. A. C. d'Abreu**

*Dois casos de variola confluente*
*Considerações*

As nossas pathogeneses dizem que o tartaro emetico produz «na pelle pustulas analogas ás da variola; pustulas na pharynge e na bocca com accumulação de muco viscoso proprio da variola; produz ainda os vomitos e a rachialgia.»

Agora se os allopathas nos quizerem negar taes effeitos responder-lhe-hemos que effeitos pathogeneticos não são effeitos curativos; d'aquelles se parte para estes que para serem obtidos não se torna necessario applicar o medicamento em dóse pathogenetica. Uma dóse minima póde ser curativa, e accrescentaremos que o medico allopatha Dr. Gubler no seu commentario therapeuthico 1874 diz a pag. 804 o mesmo que acima escrevemos ácerca dos effeitos do tartaro emetico. Procura mesmo comparar taes effeitos com os que produz a variola o que tanto basta para uma tal applicação feita pelos homoeopathas ser absolutamente do dominio da lei de similhança, a concluirmos pelo estudo physiologico que faz o dr. Gubiea.

Vemos portanto que os proprios allopathas nos ensinam a fazer homoeopathia e todavia despresam quotidianamente estes dados therapeuticos tão preciosos para conseguir boas curas. Vamos senhores allopathas saiam do seu silencio ridiculo e digam-nos se sim ou não o tartaro emetico tem rasão de ser applicado na variola nas condições que lhes apontamos, e desde o começo até quasi ao fim do ataque.

Discutam, meus senhores, dêem signal de vida, mestres da sciencia, que encontrarão quem lhes responda, e sinceramente o dizemos, desejamos a discussão.

E' tempo de ou uns subirem ou outros descerem, mas não nos alcunhem de charlatães a nós, que temos os nossos diplomas medicos passados por quem vos passou os vossos.

Fazei antes mais uso do respeito que como collegas devemos uns aos outros. Os nossos collegas allopathas regeitam a discussão franca e lealmente estabelecida, fazem-nos guerra cobarde, espalhando no seio das familias as maiores barbaridades contra a homoeopathia e depois de tudo isto são os homoeopathas os charlatães. Mais cuidado senhores, que pelo nosso lado divolvemos *o favor* e bem alto dizemos porque não discutem?

A allopathia é sustentada hoje tal como existe, unicamente pelo foro auctoritario que ainda possue; se os governos fizessem aqui o que se tem feito em tantos outros paizes, queriamos ver como *engrossavam as cossas fileiras*. Conversaremos mais detidamente no proximo estudo que vamos publicar «homoeopathia e allopathia.»

Com relação ao segundo caso clinica caracterisou-o, distinguindo-o do primeiro, o *cóma-somnolentum* e foi por isso mesmo que a *baptisia tinctoria* deu magnifico resultado.

A *baptisia tinctoria* que os allopatas desconhecem é um producto vegetal novamente importado da America e se os nossos collegas desejarem saber a maneira como esse novo agente therapeutico foi estudado, vejam os numeros V e VII do *Nort American Journal of homoeopathy* ou consultem a grande obra do dr. Hale *New-Remedies*. Mas será prégar no deserto, temol-o como certo. E' praxe estabelecida entre os allopathas, dizer mal de tudo sem conhecer coisa alguma. Pois porventura não haverá em todo o mundo aonde se estuda a homoeopathia, medicos homoepathas verdadeiras notabilidades, e cujo caracter seja nobre? A *modestia* dos allopathas é capaz de dizer que não, dir-lhe-hemos então que estudem a historia da homoeopathia, e se nos disserem que não necessitam applicar-lhe-hemos o ditado de que palavras leva-as o vento.

Continuaremos com estes estudos clinicos e se não publicamos já os artigos sobre *homoeopathia* e *allopathia* ou os *dois methodos comparados* é porque não desejamos que haja a mais pequena interrupção desde que se comece a sua publicação.

O medico homoeopatha.

A. C. d'Abreu.

## COMMUNICADO

*Sr. Redactor.*—Peço a v. a publicação d'este communicado no seu acreditado jornal. Pelo que lhe ficará sempre grato.

De V. etc.

*Francisco Severiano Squadrani.*

—

A maledicencia covarde tenta enxovalhar-me e desacreditar-me. Ensarilhou as suas armas traidoras e busca furtar-me o socego, a boa fama para me ver a braços com a miseria.

Nada ha que eguale essa torpeza barbara, só propria d'um caracter raquitico e corrompido.

Ha bastante tempo que vivo no districto d'Aveiro, a que me prende a muita affeição que por elle sinto, e sobre tudo a desvelada protecção que tenho recebido de distintissimos cavalheiros filhos d'elle e hoje mais que nunca se me apresentam no meio do caminho do trabalho umas pestilentas creaturas sem brio, que tentam desacreditar-me.

Que miseria e que meios tão infames!

Sou estrangeiro. Não tenho perto de mim uma familia que pranteie comigo as amarguras, os revezes e as dores que suffoco no peito, que me prodigalise os desvelos d'um santo affecto, que me dê forças á alma e ao corpo, para que não morra extenuado nos combates da vida. Sou um espatriado.

Que desgraça maior poderá ter o homem?

O unico bem que tenho, que amo, que venero e que me resta, é o trabalho. E' elle que por vezes varre do meu pensamento a lembrança da infelicidade que me cerca; é elle que me dá algum vigor á alma é elle que me dá de comer.

Que seria pois de mim se me faltasse o trabalho?

Pois isto mesmo me querem roubar, uns individuos, procurando desacreditar-me.

Sou um professor de muzica e vivo de obolo que recebo d'algumas familias d'este districto, em casa das quaes tenho as minhas lecionações E' d'isto que me sustento, e actualmente é este o unico meio que tenho para isso.

E' por tanto as familias d'este districto e principalmente d'esta cidade que esses individuos se dirigem para lhes dizer que eu *não devo de forma alguma ser admittido em qualquer casa de familia.*

Não me alargo em considerações a esta infamia propalada contra mim, porque me horrorisa este proceder miseravel, mesmo porque as acho completamente inuteis.

Tenho sido professor de meninas, meninos e senhoras, e como tal, emprazo as respectivas familias, se alguma queixa tem a fazer de mim, a que o façam.

Fui professor de duas filhas do exm.º sr. Antonio Moreira e Silva, duas filhas do exm.º sr. Manoel Vicente, uma filha do exm.º sr. dr. Manuel Maciel Leite de Araujo, todos de S. João da Madeira, uma filha do exm.º sr. Antonio Joaquim de Macieira de Fornos, uma filha do exm.º sr. Francisco Sampaio Alegre, filha e filho do exm.º sr. dr. Jayme Ribeiro, uma sobrinha de D. Maria Joanna Trovão, uma filha do exm.º sr. Luiz de Mello, uma afilhada do exm.º sr. Commendador Macedo, tres filhas e um filho do exm.º sr. dr. Adelino Ferrão, todos em Agueda, sr.ª do exm.º sr. dr. Arthur Ravara, sr.ª do exm.º sr. Carlos Mello Guimarães, uma filha do exm.º sr. dr. Elias Fernandes Pereira, uma filha do exm.º sr. dr. Silveste do Rego, secretario geral que foi, todos de Aveiro.

Peço a todos encarecidamente o especial obsequio de me declararem em qualquer dos jornaes que se publicam n'esta cidade, todas as faltas, mau comportamento, e feias acções que eu tenha praticado para com os meus discipulos, ou para com as respectivas familias, durante o tempo que tive a honra de ser professor nas casas das referidas familas.

Aveiro 20 Novembro de 1882.

O Professor de Muzica
*Francisco Severiano Squadrani.*

## PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

*Diario* de 17

Aviso declarando limpos da febre e colera morbus desde 12 de novembro os portos de Adeu, Egipto, Chipre e Malta.

Despachos pelo ministerio do reino, já conhecidos.

*Diario* de 18

Aviso declarando aberto concurso para o provimento de tres logares de amanuense da secretaria do governo civil de Angra do Heroismo.

Despachos pelo ministerio da justiça.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes.

*Diario* de 20

Mercês honorificas pelo ministerio do reino.

Aviso declarando inficcionado do colera morbus o porto de Djedday desde 23 de outubro.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes.

## LITTERATURA

CARTAS LISBONENSES

EL-REI D. LUIZ

Graças aos tempos em que vivemos, póde-se fazer justiça aos reis illustrados e liberaes, sem por isso incorrer nas notas suspeitas de panegyrista cortezão. Não é hoje nos paços reaes, mas nas praças publicas que se agglomera a turba dos aduladores. E' ahi, onde por entre os sectarios independentes da causa democratica affloram os thurybularios interesseiros, os requestadores artificiosos de popularidade, os vassallos louvaminheiros d'esta realeza multipla, collectiva, omnipotente, chamada soberania popular. Ella confere applausos, postos, distincções, ella decreta a popularidade e a gloria, e por isso corre os lauces a que desda muito andam expostas todas as realezas. Diante d'ella não arde só a chamma pura da verdade, queima-se a miudo o incenso das lisonjas. Nós arredados, ha annos, da pugna tumultuosa dos partidos, reconcentrados nas nossas convicções individuaes, isentos de tutellas officiaes, igualmente distantes das exaggerações reaccionarias e das demasias demagogicas, partidarias da monarchia liberal, progressiva, acommodada á indole democratica e trabalhadora das sociedades modernas, nós que, se não envergamos a opa de tribunos, não vestimos a libré de nenhum poder, podemos aspirar, sem contradicção, a um ideal mais largo de liberdades e de bens sociaes do que os que fruimos no presente, e ao mesmo tempo reconhecer as altas qualidades e os subidos meritos do chefe do Estado, que continua presidindo n'este momento historico aos destinos da nação portugueza. Não são encarecimentos nem gabos inspirados pelo mero desejo de agradar, são as vozes de uma consciencia, que se não deixa pegar do contagio dos conselhos, onde são de rigor o elogio immoderado ou a detracção raivosa.

A insania das paixões politicas baida os melhores empenhos de acerto. Não obstante no meio do fluxo e refluxo dos partidos, entre as correntes contrarias da opinião, através do vozear de Stentor das facções irreconciliaveis, ninguem ousará dizer com verdade, que o senhor D. Luiz I não tenha assumido a attitude serena, imparcial; elevada, de um rei constitucional, escrupuloso no cumprimento dos seus deveres; attento á verdadeira opinião publica, respeitador supersticioso—digamol-o assim—das indicações constitucionaes, sua suprema inspiração e conselho.

Herdeiro do throno vago pela morte precoce de um rei verdadeiramente liberal, amigo e protector dos estudos sérios, das conquistas do espirito humano—elle proprio versado nos estudos philosophicos, o senhor D. Luiz, que deixára como infante o commando de um navio de guerra para reger um reino—commando que elle illustrara com innegavel competencia, e de que trouxera os conhecimentos adquiridos nas viagens, no tracto dos homens e das cortes, o senhor D. Luiz, ao assumir o governo do Estado, torna insensivel—como modelo de reis constitucionaes—a transição para novo reinado.

Este é o seu maior elogio. As tradicções de liberdade, que encontrou symbolisadas na corôa, robusteceu-as e acrescentou-as o novo monarcha, com a eloquencia persuasiva dos factos. E' um rei largamente liberal, sem preoccupações authoritarias, acceitando lealmente na collaboração do poder os factores politicos que lhe constituem o conjuncto. Não o assoberbam nem ciumes, nem receios dos outros poderes politicos, desempenha-se austeramente da missão que lhe está confiada, procurando na tranquillidade de consciencia o desambicioso galardão da sua obra incruenta, quotidiana, cortada de obstaculos, de resistencias, de contrariedades de toda a ordem.

Recebe e acolhe com a melhor sombra os representantes das escholas mais distinctas. Aquilata imparcialmente e com ellusões de sympathia os talentos e os meritos d'aquelles mesmos, que mais encarniçadamente o combatem. Julga os homens e as cousas com a serenidade de uma razão fortalecida pelo estudo, amestrada pela observação e pela experiencia. Ama de coração a prosperidade do seu reino, e identifica-se com todos os commettimentos, com todas as emprezas que visem a promovel-a. Inspira-se do bem publico, do desejo de acertar, procurando a verdade com animo limpo, insensivel e sobranceiro ás injustiças apaixonadas. Tal é, em poucas palavras, o monarcha.

Como cidadão, como homem particular não se lhe divisam senão aspectos insinuantes. Cultiva as lettras, nos poucos intervallos que lhe deixa livre o seu laborioso «officio de rei» e com quanta distincção o faz, bem alto o proclama não só o juizo unanime dos homens de lettras mais respeitados da Europa, os diplomas das Academias, que tem sido conferidos, mas principalmente o merito real das suas excellentes e elegantissimas versões do «Hamlet», do «Mercador de Veneza» e a do «Othello» que S. M. em breve concluirá.

E' profundo o conhecimento que tem da lingua e da litteratura inglezas. A obra inteira de Shakspeare—obra complicada, colossal—esse monumento raro de genio merece a el-rei mais do que estudo constante, porque a admira, porque a sente com a exuberancia da admiração, que só experimentam os verdadeiros artistas.

O seu trabalho n'esta provincia da litteratura ingleza é cheio de perseverança e de ardor. Versa com mão nocturna e diurna os mais authorisados commentadores do incomparavel tragico inglez.

Sabe de cór os trechos mais primorosos do seu theatro. E recitando-os, trahe a paixão profunda de que se tomou pelas creações do assombroso poeta de lady Macbeth e do Othello. E' um leitor correctissimo, todo moderno nas inflexões da voz e na leitura expressiva. Para tão perfeitas e apropriadas recitações concorre principalmente o estudo assiduo e infatigavel das obras do poeta inglez, em que não ha para el-rei o minimo segredo.

Raros homens de lettras possuem como el-rei a arte de recitar trechos, ficando encantado, quem tem a honra de ouvil-o, com a pureza irreprehensivel da dicção e com os cambiantes dramaticos, alternadamente meigos e energicos, de que sabe acompanhar a recitação.

Na versão do «Othello», ou mais particularmente no terceiro acto da inimitavel tragedia paira uma elevação de linguagem e de conceitos ajustada á grandeza severa do assumpto. A propriedade dos epithetos é completa; e os periodos desenrolam-se com magestosa sonoridade. Ha trechos superiormente interpetrados por aquella indisivel intuição, que é o privilegio dos artistas e o condão dos homens de lettras. Esta ultima versão contribuirá para augmentar o justo prestigio de que S. M. goza entre os litteratos de melhor nota.

Para el-rei são sempre bem vindos os obreiros do trabalho intellectual e artistico. Sente-se preso a elles pelos laços de uma mysteriosa e irresistivel affinidade. Nós os homens de lettras consideramol-o um dos nossos, e como tal lhe queremos.

A nação inteira ámanhã 31, dia do seu anniversario, e todos quantos conhecem e teem a honra de tractar de perto o senhor D. Luiz I, farão votos pela conservação dilatada de uma vida tão querida e tão preciosa pelas qualidades moraes que o adornam, e pelos talentos que o abrilhantam entre os reis mais esclarecidos no nosso tempo.

Não pensamos enganar-nos na interpretação dos sentimentos geraes para com o chefe do Estado. Nas horas atormentadas da tribulação, nos cataclysmos que teem posto a duras provas o bem-estar dos nossos compatriotas, o coração generoso e compassivo de el-rei o senhor D. Luiz tem-se desentranhado em manifestações de sincera e commovente solidariedade com as dores publicas. A bondade proverbial do monarcha cerra innumeras feridas de desgraças que quotidianamente sangram. A sua piedade para com o infortunio a todos os lamentos o sara com um balsamo. A sua solicitude para com os que padecem—tão poderosamente fortalecida pelo ardor incansavel da senhora D. Maria Pia—a personificação augusta da caridade—ainda o anno passado, do dia 13 de novembro—uma data digna de ser commemorada, resplandecia com brilho na creação do primeiro albergue nocturno que Lisboa possuiu, volvidas poucas semanas, depois de tão meritoria inauguração, el-rei levava ao Porto a sua ardente iniciativa para o amparo de tantas familias e necessitados que vagueiam sem abrigo sob as inclemencias do inverno e os apertos da fome pelas ruas das grandes cidades, e ao sopro da sua palavra repassada de affectos bons erguia-se de improviso, digamol-o assim, a benefica instituição, em tudo émula da que entre nós está medrando com crescente pujança.

Estamos tão longe do fetichismo monarchico que unge com uma adoração supersticiosa os principes que suppõe filhos do direito divino e predestinados pela Providencia a exercer a sua missão sobre os povos pela authoridade para tal fim conferida por Deus, como estamos affastados da intransigencia demagogica que não ve senão instrumentos abjectos de despotismo nos soberanos, que não recebem todos os dias, das vagas movediças do suffragio popular, os titulos legitimos da sua investidura.

Descobrimo-nos respeitosos perante o throno constitucional levantado pelos esforços e pela galhardia de uma geração de homens fortes, e sustido pelo assentimento de uns poucos de milhões de cidadãos portuguezes, porque vemos n'elle o symbolo e a victoria das conquistas da liberdade sobre os destroços de um passado de privilegios e de iniquidades. Inclinamo-nos reverentes diante do senhor D. Luiz I porque o vemos fiel aos juramentos contrahidos pela sua dynastia para com a nação, leal á sua missão do rei liberal, interpretando com acerto as necessidades e as aspirações da communidade nacional a que preside, amigo dos estudos litterarios e dos progressos artisticos, protector dos que luctam com o infortunio, tolerando para com todas as opiniões, estremecendo de jubilo e confrangendo-se de mágua conforme se aclaram ou escurecem os horisontes da patria; n'uma palavra, homem, rei e patriota exemplar. O futuro ha-de, como o presente, mostral-o fiel á sua honrada vocação, velando as suas prerogativas de monarcha, sem nunca esquecer as justas reivindicações da liberdade.

Cascaes, 30 de outubro.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

## A SURPREZA

(CONTO)

Tinha apenas seis annos quando meu pae morreu; mas conservo gravada no espirito a sua imagem com toda a nitidez d'uma forte impressão da infancia. Parece-me vel-o n'este momento: alto, muito magro, pallido, o olhar mortiço, as olheiras cavadas, a barba e os cabellos crescidos, com o seu fato preto muito coçado. Sempre muito triste! Queixava-se da vista, dos longos serões na imprensa á luz tremula d'um bico de gaz. Pouco tempo estava em casa—sempre tinha que fazer.

Minha mãe ajudava-o: cozia para fóra. Emquanto elle viveu, a renda da casa foi paga pontualmente, nada se pediu emprestado, e ella poude ter uma vida descançada, como convinha á sua extrema fraqueza. Depois que morreu de um aneurisma, consequencia da vida dissipada, que levára em solteiro, ella, que, antes de casar, fôra costureira de uma modista, pediu a protecção das suas antigas freguezas e trabalhava até alta noite. Não gastava luz emquanto entrava no quarto o mais leve reflexo de dia; quando de todo em todo já não era possivel vêr, accendia uma candeia com um bico só, prendia-a na parede por cima da machina de costura e de novo se sentava a trabalhar com o corpo magrissimo, curvado, muito curvado, e os olhos meio fechados, seguindo attentamente os pontos miudinhos da costura.

Quantas vezes me sentei no chão ao pé d'ella, com o compendio de corographia e a pedra das contas cahidos ao lado, acompanhando no ar com a vista o penacho de fumo negro, que sahia da chama vermelha da candeia e lhe provocava continuos ataques de tosse, que lhe sacudiam convulsamente o peito enfraquecido!

Quando me ia deitar, e me fazia repetir as orações da noite, as minhas pequenas mãos postas e apertadas entre as d'ella sentiam-n'as sempre humidas e frias.

Pobre mãe! Se eu então soubesse avaliar a sua heroica resignação, a sua dedicação immensa, como a consolaria e lhe pagaria em carinhos o seu muito amor, o seu trabalho e o sacrificio da sua saude. Mas nem ao menos lhe podia mitigar a dôr com a exuberancia expansiva da minha vida.

Nunca tive a alegria saudavel das creanças, a desinquietação natural dos primeiros annos. Era só: não tinha com quem brincar.

Pouco tempo estava na escola, onde o mestre me apparecia como um tyranno, e o estudo, cuja utilidade me não explicavam, como um sacrificio ou como um castigo.

Em casa, a minha maior distracção consistia em *ver quem passava*. Tinha o vicio da janella. Ajoelhado sobre uma cadeira seguia do alto do quarto andar, onde morava, o formigueiro de pessoas, que se moviam em baixo na rua estreita e sombria, e machinalmente arrancava e levava á bôca os elasticos das botas velhas, rotas, pobrissimas.

Muitas vezes, quando estava traçando lettras sobre os vidros, que embaciava com o halito, ou com a cabeça passada por algum caixilho sem vidro, chamavam-me a attenção os bandos de creanças do meu tamanho, que passavam fazendo grande algazarra.

Umas vezes seguiam uma *troupe* de saltimbancos; outras atiravam com pedras e alcunhas aos miseraveis que iam pedindo esmola; outras que ainda rodeavam, embebidos em extasi, algum napolitano nostalgico, que moia no seu realejo languidas arias soluçosas, dissolventes, tristissimas. Eu, que não pensava ainda bastante para soffrer com a desgraça d'estes filhos da rua, sentia communicar-se-me a alegria do ruidoso bando esfarrapado e descalço, e ria tambem; mas o meu riso era convulso e repassado de uma melancolia inconsciente, filha da minha natureza e das coisas que me rodeiavam.

Defrontava com a minha casa o palacete de um brazileiro, que todas as manhãs punha á janella um papagaio e uma gaiola com um rouxinol muito feio e cego para cantar de dia! Pobre rouxinoll Elle tinha tambem uns sons magoados com que respondia por entre as grades da sua prisão ao chilrear alegre e livre dos pardaes.

O meu temperamento lymphatico, uma excessiva fraqueza, a miseria e as côres tristissimas do meio em que fui crescendo—afugentaram do meu espirito toda a alegria e seccaram no meu corpo toda a frescura infantil. Fui sempre misantropo, macilento, cabisbaixo—vegetando estupidamente dentro da minha blusa de riscado azul e branco, cheia de tinta.

A's vezes, nos dias muito azues, quando o sol entrava generosamente na cosinha acadissima de minha mãe, sob a influencia vivificante da luz, como que galvanisado, permittia-me grandes prazeres extraordinarios—corria as casas a cavallo n'uma vassoura, com um chapeu armado feito d'um jornal—ou criava com um canudo de cana alegres bolas de sabão, brilhantes, cheias de côres, mas que depressa se desfaziam e depressa se evaporavam como a imagem ironica das minhas rapidas alegrias.

Um dia de manhã, estava debruçado nas velhas grades da varanda da cosinha, com a cabeça e os braços pendentes, como mortos, fazendo estalar em baixo nas lageas humidas do saguão grossas bagas de saliva, quando me veio tirar da minha apathia de somnambulo o barulho que faziam os meus visinhos, os filhos do engenheiro.

Eram tres creanças encantadoras—dois irmãos e uma irmãsinha, que todo o dia faziam vibrar com a sua irrequieta alegria o quadrado do seu jardim, que eu dominava completamente por sobre o muro do saguão. Embriagados pelo sol e pelas côres, com as faces afogueadas e dispersos os cabellos de oiro, que as flôres das olaias enchiam de perolas cor de rosa, corriam horas inteiras sobre a relva fresca dos canteiros, pilhando as roseiras, creando mil jogos n'um enthusiasmo louco, incansaveis.

Com as suas gargalhadas metallicas casavam-se as notas agudas dos ninhos, e os zumbidos impertinentes dos insectos harmonisavam-se n'uma surdina confusa. No meio do arvoredo, reflectindo-lhe a cor, a agua limpida do lago crispava-se nervosamente ao receber a chuva de esmeraldas que um peixe phantastico vomitava do seu estomago de marmore.

Recrescia o enthusiasmo, n'um diluvio de luz doirada, quando, no meio do jogo, ficou presa uma pella n'um dos ramos mais altos da araucaria; então as tres creanças obrigadas a olhar para cima, para o ramo, que lhe furtara o brinquedo e o segurava nos seus compridos dedos monstruosos, cheios de unhas verdes, avistaram-me na minha janella e olhando-se reciprocamente, como para se consultarem, o maiorsinho dos tres, mais decidido, chamou-me com pequenos gestos acanhados, de quem tem muitinha vergonha, emquanto o outro ria as gargalhadas, com o corpo curvado e as mãos sobre os joelhos, e a pequenita espreitava detraz d'uma arvore, com a ponta do bibe mettida na boca, os hombros encolhidos e um risinho de quem fez maldade. Esperavam o resultado do audacioso convite.

O encanto do quadro desappareceu ante os raios pouco democraticos d'uma creada de faces luzidias e coradas, como metades de maçã, com o corpo forte de saloia escondido pela brancura de neve d'um enorme avental.

Uma velhinha vestida de preto, curvada sobre a sua bengala de unicornio—a mãe do engenheiro, uma senhora allemã de cabellos alvos como os folhos irreprehensiveis da sua touca, dirigia-se para a sombra d'um castanheiro, aonde vinha todas as manhãs de sol sentar-se n'uma cadeira de vime, a trabalhar no seu *crochet*; no meio do caminho parou a contemplar por cima dos seus oculos de oiro, com aquella ternura saudosa das avós, o desenlace tragico da scena. Ouviu com desagrado as reprehensões severas da criada, e disse: «que os netos não faziam mal, que o filho da costureira gostaria certamente de vir brincar com elles, coitadinho! Então que mal havia?»

Quando ouvi estas palavras já tinha descido da janella; mas ainda estava espreitando para o jardim, onde as preciosas plantas da pequena estufa olhavam com desdem atravez dos vidros humidos da sua prisão, e os cactus, vermelhos como saphyras, abriam as boccas purpurinas, a rir ás gargalhadas do meu vaso de mangericão e do craveiro enfesado, que guarnecia a nossa pobre varanda.

Quando voltei para dentro não encontrei minha mãe—tinha ido procurar a tia Dorothea, que morava em baixo na loja; mas não a achou em casa.

A tia Dorothea era uma mulher de capote e lenço, verdadeiro parasita, que entrava em todas as casas, conhecia todos os escandalos e se encarregava de todas as commissões, até das mais equivocas. Baixa, gorda, com as faces papudas e flacidas e uns olhinhos manhosos orlados de encarnado, discursava com gestos mysteriosos e de tudo fazia uma bicha de sete cabeças. O seu buço excitava a inveja dos janotas imberbes, que a viam passar vermelha e atarefada, levando dependurado n'uma das mãos o seu eterno *necessario*, com um galgo de missanga deitado sobre um fundo de lãs desbotadas.

Chamavam-lhe a *Faz Tudo*. Só lhe conheciam um parente—*o Lopes da casa de penhores*, com quem se dava muito bem.

Tinhamos acabado o nosso magro jantar quando ella entrou muito afogueada, dizendo: «que andava desde pela manhã n'um pilão—estava estafada—já não podia—ao entrar em casa, para metter uma codinha de pão na bocca, uma visinha lhe dissera que a minha mãe a fôra procurar—tinha vindo logo—então que queria? que havia de novo?

Foram ambas para o vão de uma janella, e, depois de um pequeno colloquio, minha mãe tirou do dedo um annel de oiro com uma crusinha de rubis—a sua unica joia—presente de casamento—e entregou-a á tia Dorothea, supplicando-lhe «que visse se *elle* lhe dava ao menos quatro mil réis, porque tinha muito peso e costura duas libras»—ao que ella respondia com gestos promettedores.

A' noite, quando minha mãe se despedia de mim, beijou-me muitas vezes e estreitou-me nos braços com mais effusão que de costume, sem me dar parte dos seus planos.

Na manhã do dia seguinte foi que me disse «que um tio medico, irmão de meu pae, lhe escrevera de Coimbra:—que lhe mandasse o sobrinho, queria mettel-o no seminario e encarregar-se da sua educação.»

Eu ouvia tudo isto resignado, sem me causar grande desgosto a saida de Lisboa, sem calcular as saudades, que ia ter de minha mãe, e a falta que me ia fazer.

Ella, contendo a custo as lagrimas e fazendo um grande esforço para se mostrar alegre, dizia-me «que no seminario havia muitos meninos para brincar—era necessario estudar para ser homem e para a ajudar—viria vel-a todas as ferias, como meu tio mesmo dizia na carta—esperava um amigo d'elle, que me havia de acompanhar até Coimbra e que não podia tardar.»

Ao passo que ia conversando para me entreter, dava-me o fato para eu vestir. Quando peguei no collete sentio mas pesado que de costume; minha mãe tinha lhe mettido n'uma das algibeiras uma bolsa de retroz, feita por ella, com duas moedas de dois mil reis dentro.—A tia Dorothea comprira zelosamente a sua commissão.

A surpreza foi indefinivel!

As duas moedas nunca tive animo de as gastar. Hoje têem mais brilho para mim que duas estrellas do céu!

A. VIANNA DA SILVA CARVALHO.

## A IDA PARA OS TOUROS

Era uma tarde de agosto. Fazia um calor tropical, abrazador · o sol dardejava sobre as ruas de Madrid, com uma vehemencia equatorial, os seus raios incandescentes. Não se respirava. As arvores do Prado e da calle de Alcalá, esqueleticas e com os magros troncos cobertos de poeira, semelhavam vassouras aposentadas do serviço municipal, e que um curioso espetara a cal cadas distancias, ao longo dos passeios. O macadam a todo o instante regado, com uma abundancia torrencial, destacava-se por entre aquella fila de phantasmas poeirentos, como uma longa fita escura, macia, que refrescava a vista. E se não fôra isto, diriamos, que estavamos em pleno deserto Sahara, no meio da sua fulva aridez, e que as casas que viamos, não eram casas, eram castellos de areia erguidos pelos impetos do *simoun*.

E quando, a todo o momento, esperavamos ver desembocar da Puerta del Sol uma caravana de peregrinos, com os seus *bornous* brancos, e cavalgando os legendarios camellos, começa a passar-nos diante da vista o mais boliçoso e variegado cosmorama, que jámais foi contemplado por um mortal.

E' extraordinario. Enche-se a larga rua de lado a lado, por uma multidão animada, d'um aspecto extremamente pittoresco. As mulheres, com os seus vestidos claros muito engommados, que produzem, com os movimentos sacudidos dos quadris, ao andarem, um ruido como o do papelão que se amarrota; lenços de côres vivas cruzados no peito; o cabello em grandes penteados, altos e complicados, com o tradicional *caracolito* na testa, e as indispensaveis *patillas*, a cabeça semeada de flôres, que cobre ligeiramente a vaporosa mantilha. Nas mãos a ventarola—que é o *abanico* das *chulas*—agitando-se furiosamente, e acompanhando, com ardor, os impetos do fallar cantarolado, as travessuras dos olhos vivacissimos, os menetos petulantes do corpo e da cabeça.

Os homens, com as suas cintas encarnadas, as suas jaquetas de grandes alamares, as suas calças justas e curtas, a camiza muito nitida, com os grandes botões de prata, o pescoço desafogado, e sem o atavio aristocratico da gravata, o chapeu *calanes* posto ao lado. Na bocca o *pitillo*, e o chiste galanteador a toda a mulher que passa; nos olhos a paixão de um meridional e o denodo de um arabe; na figura e elegancia desempenada de um toureiro.

E nem o czar de todas as Russias ao subir ao seu throno de soberano absoluto, nem monarcha algum do mundo, se julga tão altamente collocado, tão superior, tão independente, como o hespanhol ou a hespanhola, que ahi vemos, ao treparem a esses carros, que ahi os esperam, e que transportam mais alegria e mais graça n'um dia, do que nunca transitou em Portugal desde os primitivos tempos da inteira até ao progresso dos descarrilamentos, perdão, das linhas ferreas. E, afinal, elles teem razão, esses bons hespanhoes, porque ao passo que o czar teme o *nihilismo*, essa avalanche tremenda que ameaça cahir lá dos gêlos hyperboreos sobre o seu solio, aluindo-o, nada poderá obstar a que elles, o *majo* e a *maja*, vão agora ser reis absolutos *na plaza de los toros*, sem que haja *nikilista* que os assoberbe.

E elles lá vão n'essas carrimonias extravangantes, pintadas com uma phantasia esbraseada, das côres mais fortes, com quadros e scenas desenhadas nas portinholas, uma especie de parodia popular aos assumptuosos coches dos velhos reis catholicos. Tiraram-n'as possantes mulas castelhanas, ajaezadas á andaluza, com os seus guizos que tilintam festivamente, e cujo tilintar se casa com o estalido do chicote e com as suas pragas assombrosas de ousadia do cocheiro.

São ás centenas estes vehiculos originalissimos. Dentro vão a transbordar de gente: no tejadilho não cabe um alfinete. E todos fallam, gesticulam, riem: de uns carros para os outros cruzam-se as chalaças, os dicterios, e, ás vezes, as ameaças. Estas fazem-n'as os arrieiros uns aos outros; agora as chacotas e os galanteios, esses, são os passageiros que entre si os permutam.

Se apercebem n'outro *char-à-bancs* uma *guapa muchacha*, ahi estão elles a dirigirem-lhe as amabilidades mais hyperbolicas e mais originaes. Se enxergam um typo mais ridiculo, um sujeito mais exotico, ahi começam de crival-o de chocarrices e de epigrammas. Os de lá correspondem: trava-se a peleja. Berram uns e outros: interveem todos os passageiros, cada um com o seu dito, a sua chacota. E os cocheiros a açoutarem as mulas, e os guizos com o seu ruido metallico, e milhares de vozes que se cruzam, produzem o *brouhaha* mais estranho, mais indiscriptivel, e, ao mesmo tempo, mais encantador, que é possivel imaginar.

E a par d'estes carros, passam as luxuosas equipagens da aristocracia, os *elegantes mylords* do *demie monde*, os *dogcarts* ligeiros dos *pollos*, e os grandes *phaeteons* dos primeiros *dandys*, tirados a seis cavallos, arreiados á andaluza, ruidosos e pittorescos. E assim como nos caprichosos vehiculos, que conduzem o povo, se trocam as chalaças e os gritos, n'estes trens da fidalguia e do alto mundo, cruzam-se reciprocamente olhares, que pleiteam com o implacavel Poebo, que lança os seus raios rutilantes, a superioridade na vehemencia abrazadora...

E eis ahi Madrid que vae *á los toros!*
*Y viva la gracia!*

.....

CARLOS LOBO DE AVILA.

## NOTICIARIO

**Paga de hospitalidade.**—Foi absolvido em Bruxellas o dr. Paepe, que havia tres mezes disparava quatro tiros de rewolver contra um jornalista belga, o sr. Boegaerte Duverger.

Este ultimo fôra recolhido, com um filho em casa do doutor, e pagara o beneficio tornando-se amante da mulher do medico e pretendendo seduzir-lhe uma filha.

Duverger não succumbiu aos ferimentos.

Quando no tribunal se pronunciou a absolvição de Paepe, houve applausos prolongados e foi feita ao doutor uma verdadeira ovação.

**Gladstone.**—No dia 13 do proximo dezembro, o sr. Gladstone, actual presidente do gabinete inglez, celebrará as suas nupcias de ouro com a vida publica.

Completam-se n'aquelle dia cincoenta annos, depois que o illustre estadista foi, pela primeira vez, eleito membro da camara dos Communs.

**Principe Japonez.**—Dia 7, esteve no palacio real de Madrid, a comprimentar o chefe do Estado, o principe Taronhito Aris Sogaw, pae do principe herdeiro do throno do Japão.

No dia seguinte, houve no palacio um banquete de 40 talheres em honra do principe Sugawa, que deve chegar brevemente a Lisboa.

**Grant.**—O homem que por duas vezes regeu os destinos da republica norte-americana, o general Ulisses Grant, acaba de chegar a Madrid, acompanhado de sua esposa.

Filho de um modesto curtidor de pelles, nasceu em Point-Pleasan (Estado de Ohio), em 27 de abril de 1882. Completou, pois, sessenta annos, e, durante elles, tem prestado ao seu paiz importantissimos serviços.

Da Escola militar de West-Point, saiu Ulisses Grant para tomar parte na campanha do Mexico. Sobre os campos da batalha soube conquistar bem depressa as insignias de capitão, que abandonou ao terminar a guerra, para dedicar-se, primeiro, á agricultura, e, depois, ao commercio.

Ao estalar a guerra separatista, offereceu a sua espada á republica e foi nomeado coronel de um regimento de voluntarios do Illinois.

A tomada do forte Donelson valeu-lhe o posto de major general, que soube consolidar com heroicos feitos de armas na sangrenta batalha de Pittsburgo e no sitio de Corinto.

Mais tarde, em fins de 1863, os revezes do general Sherman obrigaram o presidente da republica a tratar de substituil-o, e desde logo a sua attenção se fixou no antigo chefe de voluntarios.

Ulisses Grant, á frente de um numeroso exercito, emprehendeu uma rude campanha contra a praça de Vicksburgo, a qual caia em seu poder no dia 4 de julho de 1864, com 30:000 prisioneiros, 200 canhões de grosso calibre, 100:000 clavinas e

rá pouco tempo, devendo proximamente encontrar-se em Pau com a mais nova das suas filhas, que ali vai passar o inverno.

A princeza teve recentemente o desgosto de perder «Mylord», formosissimo cão, muito conhecido na Russia, o qual acompanhara Alexandre II em varias campanhas.

O infortunado «Mylord» morreu de velhice no hotel Beau-Séjour, em Pau.

---

**Apontamentos de Carteira.**—Esteve no domingo em Aveiro o sr. dr. Anthero Albano de Souza Pinto, distinctissimo advogado nos auditorios do Porto, um dos primeiros tribunos do nosso paiz, e um dos vultos mais sympathicos e importantes do partido progressista.

Veio visitar o seu condiscipulo, o sr. dr. Manoel Joaquim Massa, digno secretario geral do governo civil d'este districto. Demorou-se apenas um dia.

— O nosso bom amigo, antigo e probo escrivão e tabellião da comarca de Estarreja, o sr. Joaquim Mariano de Souza Ribeiro, esteve no sabbado em Aveiro. Folgámos de ter occasião de abraçar n'esta terra este respeitavel e bemquisto cavalheiro.

— Tem estado estes dias em Aveiro, onde veio assistir a uma importante inquirição civel, o nosso respeitavel amigo, distincto collaborador d'este jornal, e eminente jurisconsulto, o sr. dr. Alexandre de Seabra.

**Regresso.**—Regressou a Coimbra, da sua vizita ás freguezias do extincto bispado de Leiria, o sr. bispo conde. S. ex.ª foi acompanhado de Leiria até á estação de Pombal por um grande concurso de pessoas de todas as classes.

O sr. bispo de Coimbra tenciona tornar publica a opulenta livraria do paço episcopal de Leiria, incluindo mesmo a bibliotheca particular dos bispos, tão rica de obras classicas da litteratura patria, se a camara municipal ou a junta geral do districto se obrigarem a ter ali os empregados necessarios para a guarda e conservação do estabelecimento.

O *Districto de Leiria* dando noticia da saida do sr. bispo conde, diz o seguinte:

«S. ex.ª deixa n'esta cidade uma simpathia profunda, que n'esta occasião seria impossivel conseguir alguem que não possuisse os seus dotes eminentes, dotes que lhe dão um dos logares mais distinctos entre o episcopado portuguez.»

E isto é apenas verdade.

**Visita.**—Acha-se entre nós o sr. Luiz Marcelino dos Santos, filho do antigo e respeitavel juiz d'esta comarca o sr. Valentim Marcellino dos Santos.

**Doença.**—Tem estado gravemente enferma a virtuosa esposa do nosso velho amigo e respeitavel cavalheiro da Villa da Feira, o sr. Joaquim José Teixeira Guimarães. Fazemos votos pelo prompto restabelecimento de tão respeitavel e bemquista sr.ª

**Incommodo.**—O sr. Antonio José Lopes, um dos negociantes mais acreditados desta cidade, capitalista e proprietario tem passado mal nestes ultimos dias a ponto de dar cuidado á sua familia. Amigos verdadeiros do sr. Lopes fazemos sinceros votos pelo seu prompto restabelecimento.

**Mais.**—Consta-nos que o sr. Antonio Pitta, ao chegar a casa de seu exm.º thio, a Ois de Bairro, estivera sériamente incommodado. Amigos leaes de tão respeitavel cavalheiro, sentimos o seu incommodo e fazemos votos pelo seu prompto alivio.

**Doença.**—Tem estado dolorosamente incommodado o nosso sympathico amigo, e digno escrivão e tabellião substituto da comarca de Estarreja, o sr. Antonio Mariano de Souza Ribeiro. Desejamos do coração as suas promptas melhoras.

---

**Fallecimento.**—Falleceu na sua casa d'Ois de Bairro o sr. Antonio de Noronha Castello Branco Avillez, antigo fidalgo e cavalheiro distinctissimo. A sua existencia foi longa como as virtudes que ornavam o seu coração d'anjo, pois que s. ex.ª tinha perto de 85 annos—passados todos no exercicio do bem e do amor do proximo.

O sr. Antonio de Noronha foi na terra um modelo de virtudes. A sua alma está na presença de Deus.

A sua respeitavel familia enviamos d'aqui a expressão intima do nosso sentimento.

**Outro.**—Falleceu tambem na sua casa da Povoa, concelho d'Anadia, o sr. Lino José Ferreira, proprietario e lavrador. Era um excellente chefe de familia, laborioso e honesto. A sua morte foi sentida por quantos o conheciam.

A todos os seus os nossos pezames.

**Outro.**—Falleceu tambem em Guimarães o pae do nosso collega do *Imparcial*, o sr. Augusto S. Guimarães, a quem d'aqui enviamos o sentido pezame.

---

**Bombeiros voluntarios.**—Os bombeiros voluntarios d'Aveiro tem tido exercicios todos os dias, por emquanto particulares. E' muito para notar a comprehensão de todos os que se teem dedicado ao estudo d'aquelle serviço, o que prova que a vontade pode tudo, quando ella é insistente.

O nosso amigo, o sr. Barrote, tem feito quanto em si cabe para que os seus alumnos sejam dentro de pouco perfeitos bombeiros, e cremos que o ha de conseguir. Aveiro dever-lhe-ha muito por isso, pois que, sem bons artifices, o material existente de pouco serviria.

**Novo arcipreste.**—O sr. dr. José Antonio Pimenta, muito digno prior de Figueiró dos Vinhos foi nomeado arcipreste. A escolha do sr. bispo conde foi acertadissima porque o nomeado é um clerigo instruido e digno a todos os respeitos.

**Aos contribuintes.**—Lembra-mos de novo aos contribuintes, que se acham em cobrança nas recebedorias d'este districto as contribuições de renda de casa e sumptuaria, industrial e decima de juros, pertencentes ao corrente anno de 1882. O prazo termina no dia 1 de dezembro, pagando-se depois mais os 3 %, alem do juro da móra.

**Operação.**—Fez-se ha dias n'esta cidade a extirpação de um tumor no seio de uma mulher, que soffria ha muito tempo aquelle encommodo. O operador foi o sr. dr. José Pereira de Lemos, auxiliado pelo sr. dr. Manuel Gonsalves de Figueiredo. A operação fez-se com toda a maestria, e a mulher acha-se quasi restabelecida.

**Exposição de ceramica.** — Como prenoticiámos, seguiram no comboyo expresso da manhã de domingo para o Porto os operarios e a phylarmonica da Vist'Alegre.

Na estação das Devezas foram esperados por muitos operarios d'alli, com uma phylarmonica, seguindo todos no comboyo até Campanhã. Durante este trajecto, as duas musicas foram tocando.

Na estação do Pinheiro estavam representantes da *Sociedade de instrucção do Porto* e muitos operarios oleiros. Levantaram-se calorosos vivas aos operarios da Vista Alegre, aos do Porto, á sociedade de instrucção portuense, e ao futuro da ceramica em Portugal.

Em seguida o prestito, composto da banda da Vista Alegre na frente, da outra phylarmonica e de muitos artistas e povo, partiu ao som das duas musicas, até ao palacio de crystal.

A exposição, que está muito bem disposta e rica em varios specimens de ceramica nacional, sobresahindo a fabrica da Vista Alegre, e a das Devezas, esteve muito concorrida.

A banda da Vista Alegre, sob a intelligente direcção do sr. Martins Roza, esteve tocando na galeria direita da nave central, recinto da exposição, varias peças do seu novo reportorio, sendo justamente applaudida.

Na segunda-feira ainda ali tocou, sendo tambem muito festejada. Regressou á noite a esta cidade, que atravessou tocando em direcção a Ilhavo.

**Apresentação.** — Apresentaram-se á justiça da comarca d'Oliveira de Azemeis o sr. Francisco de Bacellar, ex-escrivão de fazenda de Cambra, e seu filho, afim de responderem alli pelo crime porque se acham pronunciados.

**Posse.**—Tomou conta, na semana ultima, da vara da justiça da comarca d'Agueda, o sr. dr. Bento José Pinto da Motta.

**Modos de ver.**—O *Povo* de papel fallando ácerca do incendio recente, censura que aparecesse no local do sinistro o enxame dos que elle diz *que mandam, observam e inquirem!*

Com mais razão deveria antes notar que, apesar de todos aquelles, houvesse ainda quem cuidasse só de rapinar o que encontrou.

Isto sim, que merece reparo, e o stygma das pessoas de bem.

**Sinistro.**—Uma bateira que atravessava do Chegado para Villarinho voltou-se no rio, e os dois tripulantes baldearam no pégo. O que sabia nadar salvou-se, mas o companheiro falleceu pouco tempo depois. O seu cadaver veio arrolar á praia, e a justiça procedeu hontem á autopsia, sendo d'ella incumbidos os srs. facultativos Figueiredo e Regalla.

**Anniversario.**—Entrou no 36.º anno da sua publicação um dos mais notaveis orgãos da imprensa portugueza—*O Conimbricense*, de que é unico redactor o nosso velho e honrado amigo, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, tão assombrozamente erudito, como nobremente imparcial e independente, e que é hoje o decano dos jornalistas portuguezes. Saudamos cordealmente o illustre patriarcha do jornalismo, e fazemos votos pela sua longa vida e larga prosperidade.

**Regresso** —A philarmonica da Vista Alegre regressou do Porto na tarde de domingo e no comboio do correio. Aquella corporação d'artistas fez muito boa figura no palacio de Crystal, destingindo-se pela escolha e pela execução das peças que ali tocou.

**Partida.**—Dos concelhos de Estarreja e Ilhavo tem partido n'esta semana muitos homens que vão pescar, conforme o costume, para as aguas do Tejo.

**Fallecimento.**—Morreu em Lagos um nosso patricio, o sr. Antonio Augusto da Silva Paiva, empregado da fiscalisação externa das Alfandegas.

**Exercicio de 1881-1882.**— Foi determinado por uma portaria recente do sr. ministro da fazenda, que o exercicio de 1881 a 1882, que estava ordenado terminasse em 31 de dezembro d'este anno, só finde em 30 de junho de 1883.

**Feira da Oliveirinha.**—Verificou-se hontem a feira dos 21 na Oliveirinha. A concorrencia de gado cavallar e bovino foi regular effectuando-se assim mesmo bastantes transacções. Gado suino gordo appareceu bastante, mas os preços resentiram-se ainda da barateza que houve na feira da Vista Alegre, e não foram por isso onde os possuidores esperavam, apesar de apparecerem alli compradores do norte, que levaram mais de 60 rezes. De tudo isto é causa a falta de sardinha, pois que nenhum pescador pode comprar o seu porquinho, ao que elles chamam o seu governo. E' o que sempre temos dito. A falta de pesca affecta todas as classes.

**Contrabando.**—O nosso collega *Districto da Guarda* diz, que o contrabando augmenta nas povoações da raia, acrescentando que o tabaco se offerece francamente nos mercados dos concelhos da Guarda, Pinhel, Sabugal, Almeida, Figueira de Castello Rodrigo e outros. E' este o estado a que o governo actual levou o paiz.

**Molestias no gado.**—No districto de Bragança o *florense* ataca o gado cavallar, e a *angina* o gado suino.

**Vinhos.**—Continuam a ter muita procura os vinhos da região vinhateira da Bairrada, que por este facto se manteem em preços convidativos para o productor.

**Cambio.**—Dizem os jornaes do Porto de hoje que por um telegramma recebido do Rio de Janeiro se sabia que o cambio sobre Portugal fechara hontem a 21 3/4 e 22, e o mesmo sobre Londres.

**Ordens.**—O sr. bispo do Porto confere ordens menores e sacras nas proximas temporas de Santa Luzia.

**Fallecimento.**—Falleceu na sua casa de Sinfães o sr. Diogo Leite de Castro, ultimamente nomeado juiz da relação dos Açores.

**Contra fogo.**—A municipalidade de Villa Nova de Gaya acaba de estabelecer definitivamente o seu serviço de incendios para dispensar os soccorros do Porto.

**Aguardente do Douro.**—A aguardente do Douro está alli por 108$000 reis a pipa.

**Sal.**—Continua a exportação de sal tanto pela barra, quando o mar permitte a saida de navios, como pelo caminho de ferro, quando a companhia fornece wagons, e dizemos quando ella os fornece, porque para se obterem, é preciso metter empenhos a quem d'elles dispõe. Isto parecerá a muita gente inverosimil, mas é um facto que o bom senso industrial condemna, mas que ahi se observa, máu grado da boa administração da companhia, que lucra mais quanto mais augmenta o seu movimento. A companhia real não o entende assim, e difficulta o mais que póde a prestação de wagons, tanto para o sal como algumas vezes para o gado bovino. Segredos são estes que só ella comprehende.

O preço do sal é ainda de 27$000 e 28$000 reis o barco de 4 moios de razas, agora sem tendencia para descer.

**Pesca da ria.**—A pesca da ria tem agora produzido menos. Nem se sabe como as redes colhem ainda algum peixe, tantas são as que pejam a grande bacia.

**Cessação de trabalho.**—Em consequencia de terem ido já muitos pescadores para Lisboa, algumas companhias da Torreira cessaram já os trabalhos. Algumas ha ainda alli que não fecham nem fecharão tão cedo os aparelhos, esperando ainda ensejo favoravel de pesca.

---

## CORREIO DE HOJE

(Do nosso correspondente)

**Lisboa 21 de novembro.**

E' muito para notar a mudança que se operou em alguns dos orgãos do gabinete com relação á eleição do sr. Braamcamp. O *Jornal da Noite*, que foi um dos que mais escreveu contra a eleição d'aquelle cavalheiro já diz que a sua eleição é uma necessidade, e que bem farão os funchalenses se o elegerem, pois que os chefes dos partidos devem ter logar no parlamento. O *Jornal da Noite* vae mais longe na sua justa placidez, confessando que o illustre caudilho do partido progressista não foi eleito porque contra elle se operou a coligação dos quatro partidos, regenerador, constituinte, republicano e clerical. E foi preciso tudo isto e o esforços ingentes da auctoridade para, ainda assim, não poderem vencer o partido progressista e apenas empatar a eleição!

Isto prova a força que alli tem o partido popular, que a imprensa do governo dá como desprestigiado n'aquella circumscripção politica. O que dará a eleição de domingo não pode bem aventar-se. Para muitos é positivo que o governo—a parte madura e leal d'elle—dezeja a eleição do sr. Braamcamp, embora os seus justos melindres lhe não permittam tomar assento no parlamento. Aguarda-se, pois, como uma certa impaciencia o resultado da luta de domingo proximo, 26 do corrente.

—Parece que a França toma a serio convenção de Brazza com o rei Makoko, que tenta com isso prejudicar os nossos direitos, apossando-se dos dominios portuguezes. Isto é grave, e a imprensa livre, não cessa de chamar para o facto a attenção do governo; parece porém que este dorme sobre o caso e que se prende pouco com elle, pois que o nosso ministro em França continua em Lisboa manso e tranquilo sem se preocupar muito com o que vae. Isto só se acredita, vendo-se!

—A questão do governo com o nuncio—ou melhor, do sr. ministro das justiças com o representante de Roma não terminou ainda, nem creio que possa terminar sem a saida d'aquelle cavalheiro. Nem ao rei nem ao povo pode ser grata a conservação aqui d'um diplomata que tão profundamente quer entrar na governação do paiz, alterando até as formulas porque se governa. O procedimento do sr. Masella, a continuar aqui, prejudicaria até os interesses da religião.

—Ante-hontem houve principio de incendio no hospital de S. José. Felizmente evitou-se o mal, que seria immenso se se realisasse, pois que contem em si nada menos de 1:500 doentes, que seria difficil arrancar com vida aos horrores de um caso de tal ordem. Em toda a parte deve haver cautella contra incendios; mas n'um hospital, onde existem tantos enfermos, muitos em iminente perigo de vida, as prevenções devem ser maiores e mais cautelosas.

N'esta casa está uma mulher que nasceu em 1768 e que conta por conseguinte 114 annos. Está a tratar-se d'uma enterite, e tem memoria tão fresca que relata, com minudencia digna de notar-se, factos antiquissimos muito anteriores á morte de D. João VI.

—Parece que o sr. Fontes não fora hoje bem tratado no ministerio da fazenda por um guarda d'alfandega, que chegou a chamar lhe pelintra. O guarda diz-se que fora em tempo seu confidente, julgando-se por isso auctorisado a desacatal-o em publico. Cohibir estes desacatos é uma necessidade, pois que das desatenções d'um mal criado ninguem está isento.

—Effectuou-se hoje a venda do tabaco aprehendido na *Luz do dia*. O preço foi o de 1780 reis por kilo ficando tres fabricas com elle—a de Xabregas, Regalia e Fidelidade do Porto.

—O sr. visconde de Moreira de Rey, par do reino e nomeado ultimamente vogal suplente do Tribunal de Contas veio estabelecer aqui a sua rezidencia permanente, e já cá está.

—Suicidou-se o almocharife da delegação de fazenda do districto de Lourenço Marques, sr. Antonio Lopes Serra, cre-se que por se achar alcançado em cerca de um conto de reis.

—Na minha anterior dei-lhe os nomes dos conselheiros de districto ultimamente nomeado para Vizeu, e hoje posso dar-lhe o dos substitutos, e são elles os srs. Henrique Tavares Ribeiro da Silva, Valeriano de Queiroz Pinto, Gaudencio José Pereira e Manuel de Mello Castro e Abreu.

— Os carteiros de Lisboa vão receber lanternas e capas de oleado para o serviço da noute.

— O sr. Fernando Affonso Geraldes Vaz Preto, juiz de direito de Thomar, foi nomeado auditor do exercito.

— Falleceu em Beja um dos mais ricos proprietarios do Alemtejo o sr. Filippe de Vilhena, e falleceu quando regressava d'um passeio ao campo.

— A camara de Lisboa lançou nos seus registos um voto de sentimento pela morte do sr. Carlos Ribeiro e fel-o como tributo de reconhecimento pelos serviços que aquelle benemerito cidadão prestou em differentes occasiões á capital.

— Falla-se agora menos na publicação do regulamento sobre o imposto do sal, parecendo que o governo se arreceia um pouco da sua execução e talvez da sua efficacia.

— Continua a asseverar-se que o gabinete se modifica dentro de pouco; ha porém quem affirme que o sr. Fontes não vae ao parlamento, e que aproveita a primeira occasião que tiver para entregar o poder, sem do isto o que mais geralmente se crê.

— Tem já chegado d'ahi bastante gente para a pesca no Tejo, em Cezimbra, Caparica e fóra da barra. Os que primeiro vieram pescaram bem, e como nas costas d'esse districto a pesca foi quasi nenhuma, os pobres veem para onde tem mais provabilidades de fazer fortuna. As primeiras pescas foram boas, pois houve barco que tirou em uma só noute 300$000 reis. O preço da sardinha tem sido aqui muito elevado, o que prova que a falta é grande por toda a parte. Os pedidos d'ella para a Hespanha são grandes, e se não houvesse mais quem a pretendesse, toda a que até agora se tem pescado seria pouca para satisfazer aos pedidos dos nossos visinhos.

— Foi muito bem recebida no Brazil a ideia dos Vimaranenses de levantarem ali um monumento á memoria do fundador da monarchia, e tanto que no Rio de Janeiro já se formou uma commissão para promover donativos para esse fim. E dizendo-se que á testa d'essa commissão está o sr. conde de Mathozinhos prediz-se logo o resultado.

— O sr. Ferreira de Mesquita deixou de ser o correspondente em Lisboa da *Actualidade*. O illustre publicista alega na carta que dirigiu ao proprio jornal o peso das suas occupações officiaes, para fundamentar a sua escusa d'aquelle serviço.

—O rei de Borné mandou para Lisboa dois netos para aqui se educarem. São filhos do sr. Manoel Antono de Souza um dos grandes potentados do Zambeze. O sr. ministro da marinha recebeu os pequenos no seu gabinete, e recommendou os.

—O sr. Saraiva de Carvalho está felizmente melhor. Parece que o illustre homem d'estado deu em fim um pontapé na morte. Que Deus lhe prolongue a existencia como todos dezejamos, pois que a sua perda seria uma fatalidade para o paiz, onde os homens d'aquelle estofo não abundam, infelizmente. Agora pode já dizer-se, que a não haver caso extraordinario, s. ex.ª está salvo. A alimentação é já feita com apetite e a expectoração é de melhor caracter.

— Devem principiar além d'amanhã as provas publicas dos concursos para os logares vagos nas alfandegas de Lisboa e Porto.

— Para evitar o contrabando que entra em Lisboa pelo caminho de ferro do Sul foram nomeados dois verificadores um para o Barreiro e outro para a estação do Terreiro do Paço, que terão de examinar n'aquelles pontos as procedencias d'ali.

— Tem-se effectuado grande quantidade de despachos de vinho para França.

—O sr. Visconde da Praia Grande de Macau está gravemente doente. Os seus antigos padecimentos agravaram-se-lhe, e o illustre paciente está dando bastante cuidado á sua familia e amigos.

—Não é exata a noticia que correu, de que o sr. Guilhermino de Barros pedira a sua exoneração do cargo de director geral dos correios. E' o que afirmam os que mais privam com o digno funccionario.

—Chegou a Lisboa o sr. Navarro de Paiva, procurador regio junto á relação do Porto. S. ex.ª vem tomar parte nos trabalhos da commissão encarregada de elaborar o projecto do processo criminal. Durante a sua ausencia ficou encarregado da procuradoria o seu digno ajudante o sr. Augusto de Castro, que é já conhecido como um dos magistrados mais serios, mais zelosos, mais sabedores e mais probos do paiz.

—Nota-se por toda a parte que o progresso não para, tendendo muito para a emancipação das mulheres. Na Croacia o sexo feminino já tem voto nas cousas publicas. Em Agram, onde ha 3.200 eleitores, 850 d'estes são mulheres, chefes de familia e litteratas na maior parte.

—Como em outro logar lhe disse agravam-se os negocios a que deu causa a convenção com um filho da França do rei Makoko, e em virtude d'isso parte ainda esta semana para Paris o sr. Mendes Leal, nosso representante ali. Ninguem dirá que vae sedo, mas em fim vae, e é isso já uma razão para provar, que o governo não perdeo ainda de todo a sensibilidade.

—Por accordo entre as linhas ferreas portuguezas da companhia de leste e norte e as principaes redes hespanholas, vae ser reformado desde 1 de dezembro proximo o serviço de viagens circulatorias nos dois paizes, sendo desde essa data os preços do primeiro itinerario 60$190 reis em 1.ª classe e 44$670 reis em 2.ª, dando direito a percorrer um total de 4:989 kilometros; no praso de 65 dias, nas linhas de Lisboa á fronteira de Valencia de Alcantara, d'esta a Caceres, Madrid, Toledo, Aranjuez, Escorial, Salamanca, Zamora, Santander, Bilbao, Hendaye, voltando por Alsasua a Zaragoza, Barcelona até Cerbere e regressando por Tarragona, Valencia, Manzanares, Ciudad Real e Badajoz a Lisboa.

O segundo itinerario, cujos preços são 76$580 reis em 1.ª classe e 57$090 reis em 2.ª, tem a extensão de 6:198 kilometros porque comprehende, além dos pontos supra indicados, toda a rede da Andaluzia, podendo o viajante visitar Cordova, Malaga, Granada, Cadiz, Jerez, Sevilha e outros, sendo o praso de 80 dias.

— Os suicidios continuam por toda a parte. E' mal que affecta a nossa sociedade, e que depõe muito desagradavelmente contra a nossa civilisação. Agora suicidou-se em Messejana o sr. Francisco Manuel Espada, dizendo a voz publica que o infeliz fora levado áquelle extremo por desgostos de familia.

— O sr. Lopo Vaz está bastante incommodado.

— Saiu de Lisboa para Castanheira de Pera a primeira missão de ensino das escolas moveis pelo methodo de João de Deus. O encarregado d'este importante serviço é o sr. Baleizão, professor distincto e muito patriota. O sr. visconde de Castanheira é o instigador d'este humanitario e civilisador serviço e o seu estipendiador, pois que deseja ministrar aos seus muitos operarios com a alimentação do corpo a vida do espirito.

A proposito de escolas devo dizer-lhe, que tambem a direcção da companhia dos caminhos de ferro portuguezes mandou construir no Entroncamento um edificio para escólas que destina aos filhos e filhas dos empregados alli residentes. E' um acto que honra a companhia.

— Estão a concurso 3 logares de amanuenses na secretaria do governo civil de Angra do Heroismo.

— A' *Maison de France* chegaram interessantes modelos de obras para senhoras, desde chapeus até sapatos. Esta casa está cada vez mais acreditada, tanto pelas obras que prepara, como pela modicidade relativa de preços, e ainda pela boa fé com que ali se procede em tudo.

* *

---

# ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS


**ARREMATAÇÃO**

Vende-se em praça o caminho americano da Torreira com os respectivos carros, casa de estação, gado, etc. A arrematação terá logar n'aquella costa no dia 26 do corrente mez de novembro ás 10 horas da manhã; mas a venda só se effectuará se o maior preço offerecido convier á empreza do referido caminho.

NOVOS INVENTOS

**Na Fabrica de Fundição do Ouro**, no Porto construiram-se ultimamente e estão a funccionar na mesma Fabrica:

**Um alimentador** de Caldeiras de vapor da descarga, introduzindo a agua em 88 graus do que resulta uma importantissima economia de combustivel.

D'estes alimentadores já venderam um para a chapelaria avapor dos Illm.os Srs. Costa Braga & Filhos, d'esta cidade.

UM MOTOR A VENTO

Systema americano, melhorado, que está tocando uma bomba, que absorve a agua de 8m de profundidade e a eleva ou repuxa a uma altura superior a 20 metros.

**Theares Mechanicos** todos de ferro para tecidos lisos de algodão, dos systemas mais aprovados.

**Pulsometros** de todas as proporções, para absorverem e repuxarem a agua por meio da pressão do vapor.

Invenção d'uma utilidade transcendente para a agricultura e industriaes.

Tudo póde ser visto e examinado diariamente na mesma Fabrica, a que continúa construindo machinas de vapor e caldeiras de proporções e força.

Rivalisando com as melhores e trangeiras.

Tudo obras garantidas.

Porto 4 de novembro de 1882

**LEILÃO**

No proximo domingo 26 do corrente, pelas 10 horas da manhã, e na casa do Carmo onde habitou o exm.º sr. dr. Antonio Mendes Bello, ex-vigario geral do extincto bispado de Aveiro, ha de proceder-se ao leilão de toda a sua mobilia, que se compõe de mesas, cadeiras, camas e diversos objectos mais que estarão presentes no acto.

VENDA DE MARINHA

Quem quizer comprar a marinha *Pioneira* sita em Sama, que tem 24 metros dobrados, falle com Leonardo da Cruz Bento, na praça do Peixe em Aveiro.

VERNIZES E CORES

**J. SEURIN**

**Fabrica a vapor em Ambervilliers e despacho rua Turene, 89**

PARIZ

Cinco medalhas de ouro, duas medalhas de prata, duas medalhas na Exposição Universal de Vienna. Medalha de 1.ª classe em a Academia Nacional de Pariz

Medalha de ouro em a Exposição Universal Internacional de Pariz em 1878.

Vernizes superiores, para carroagens, dara carroagens do caminho de ferro, para construcções e para todas as industrias.

Azeite cozido—azeite grosso e brando para lytographia e imprensa. Mistura pardourar. Verniz contra a humadidade. Composição innoxidavel para formas de assucar Essencia de terebinthina rectificada.

Secantes brilhantes,—sem côres, amarello roxo, côr de nogueira, ect. para soalhos de madeira e de ladrilhos.

Vernizes secantes,—para guarnições de cavallariças, madeiras, ferro, couro e machinas agricolas.

Diaphanites,—(nova fabricação dos vernizes com alcool, por um systema privilegiado em França e no estrangeiro)—sem côr e de todas as côres empregado com pincel boneca ou de qualquer outro modo nas marcenarias e outros officios.

Brancos de zinco,—em rasuras, e moldes, da Sociedade de Villa Montagne.

Brancos de zinco, moidos, marcas Q. R. S. T. *Brancos de Pariz*, moidos, n.os 1 e 2—*Ceruza*—*Secantes*—*Côres*—*Pasta para vidraceiros*—*Mastico de muito de chumbo, para juncturas de machinas.*

**ALGODÃO SINGER**

**TORÇAL SINGER**

Fabricado expressamente para as machinas de cozer.

Vende-se a retalho e por atacado, com bom desconto e a preços baratissimos na

COMPANHIA FABRIL

**SINGER**

73, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79.

AVEIRO

**BALSAMO da CRUZ ROXA**

COM BASE DE ALCATRÃO

Soberano para uso externo — 80 annos de exito.

As chagas e feridas as mais rebeldes, afecções herpeticas, escrophulosas e cancrosas, queimaduras de todos os grados, ulceras atonicas, varicosas e outras, panaricios, furunculos, gretaces, affecções hemorrhoidales, etc., curam-se rapidamente com **Balsamo da Cruz Roxa.**

**Composição IMMEDIATA de dôr**

Em grosso **H. VAN ASSCHE e C.ia**, Anvers (BELGICA)

POR MIUDO EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS

Aveiro F. A. de Moura.

**SINGER**

As melhores e bem conhecidas machinas de costura que não teem rival, vendem-se a preços de 500 reis semanaes ou 10 por cento menos a prompto pagamento sómente na

**COMPANHIA FABRIL SINGER**

*AVEIRO 75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79*

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

Avisamos o publico de que, em vista da grande acceitação e do bom resultado que em toda a parte do mundo tem tido as machinas de costura legitimas SINGER mais de duzentos fabricantes construiram machinas de costura com a mesma fórma e typo da nossa, para d'este modo as poderem vender e enganar o publico como se fossem legitimas SINGER, sendo isto mais uma prova em que se reconhece a grande superioridade da nossa machina SINGER, por todos a quererem imitar.

Todas as pessoas que comprarem uma machina de costura devem exigir sempre uma conta com o numero da mesma e as palavras legitimas machinas da COMPANHIA FABRIL SINGER, para evitar serem enganados com as *inferiores imitações*.

O unico deposito central da

COMPANHIA FABRIL

**SINGER**

na rua de José Estevão n.os 75 a 79 (em frente do edificio da Caixa Economica —AVEIRO.

FELIAL NA VILLA DE OVAR

GRANDE OTERNA DE MADRID

SORTEIO A 23 DE DEZEMBRO DE 1882

| | |
|---|---|
| Premio grande | 450:000$000 |
| Segundo premio | 360:000$000 |
| Terceiro dito | 270:000$000 |

Além d'estes, consta de muitos outros de grande valor.

BELLA CONSOADA

O cambista JOSÉ JOAQUIM SOARES

*RUA DE CEDOFEITA, N.º 115, B. PORTO*

Recommenda aos seus amigos, como ao respeitavel publico em geral, que encontrarão no seu feliz e bem conhecido estabelecimento, um bom sortido, em bilhetes, fracções e series de todos os preços, para esta grande loteria, aos preços seguintes:

| | |
|---|---|
| Bilhetes inteiros | 92$000 |
| Meios bilhetes | 46$000 |
| Quintos | 18$000 |
| Decimos | 9$200 |
| Vigesimos | 4$800 |
| Quadragesimos | 2$500 |

Series de 10 numeros seguidos ou alternados, com um premio certo, a 400, 600, 15000, 30000, 60$000, 120$000 e 240$000 réis, assim como fracções de 40, 60, 100, 300, 600, 15200 e 24$400 réis.

BRINDES

Todos os meus amigos e freguezes que me comprarem series de 10 numeros, desde preço de 400 até 240$000 réis, receberão ou lhe serão remettidos juntos aos seus pedidos os seguintes bilhetes da loteria de Lisboa, como brindes que lhe offereço: em cada serie de 240$000 réis, um bilhete inteiro, em que pode tirar 6:000$000; em cada serie de 120$000 réis, meio bilhete; em cada serie de 60$000 réis, um quarto; em cada serie de 30$000 réis, um oitavo; em cada serie de 15$000 réis, uma fracção de 250 réis; em cada serie de 600 réis, uma fracção de 130 réis; em cada serie de 400 réis, uma fracção de 80 réis. Ficam com o mesmo direito aos brindes todas as pessoas que comprarem as mesmas quantias em fracções soltas.

O anno passado que comecei dando os mesmos brindes aos meus amigos, tive a ventura de repartir por elles 1/4 do n.º 4702, em 10 de dezembro, com os 8:000$000, como 1/8 do n.º 4806, em 20 do mesmo mez, tambem com os 8:000$000, isto além de muitos outros premios.

Espero portanto que os seus amigos o continuarão honrando com suas ordens.

Os brindes começam a ser dados desde a primeira loteria do mez de novembro, até á ultima antes de 23 de dezembro.

Em pagamento de todo e qualquer pedido recebe letras sobre esta cidade ou Lisboa e vales do correio, ou mesmo sellos e estampilhas de todos os preços (não com tempo humido)

GRANDE LOTERIA DE MADRID

**Extracção em 23 de dezembro de 1882**

**CASA FUNDADA EM 1686**

O CAMBISTA ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, rua do Arsenal, 56 a 64, Lisboa, com casa filial no Porto, Feira de S. Bento, 33 a 35, e correspondentes em diversos pontos do paiz, faz sciente ao publico que tem nos seus estabelecimentos variadissimo sortimento para a grande loteria de Madrid de 23 de dezembro de 1882.

SATISFAZ todos os pedidos, quer sejam para jogo particular, como para negocio, com promptidão, vindo os pedidos acompanhados de suas importancias em vales do correio, ordens sobre Lisboa e Porto, notas dos Bancos, sêllos do correio ou em outra qualquer especie de prompta liquidação.

AS REMESSAS são feitas pelo seguro do correio e quando haja algum extravio, o annunciante envia nova remessa.

ESTA LOTERIA é a de maiores premios que se tem feito, e por isso é de receiar que, quem se guardar para os ultimos dias, tenha de pagar grandes agios; no entanto, o annunciante garante os seus preços abaixo notados até ao dia 19 de dezembro.

OS NUMEROS das centenas dos 4 premios maiores são todos premiados com 440 réis cada um.

TODOS os numeros cuja terminação seja egual á do premio grande tem o premio de 90$000 réis; quer dizer, cada dez bilhetes teem um premio certo, podendo de 10 numeros seguidos ter premios certos 41, assim como meia centena, 50 numeros, ter premios certos 205; e para isto basta que seja comprehendida nos 4 premios maiores.

Os numeros anterior e posterior do 1.º premio teem cada um 9:000$000.
Os numeros anterior e posterior do 2.º premio teem cada um 5:400$000.
Os numeros anterior e posterior do 3.º premio teem cada um 3:600$000.
Os numeros anterior e posterior do 4.º premio teem cada um 2:295$000.
Os premios (approximado) em moeda portugueza são:

| | | |
|---|---|---|
| 1 | de | 450:000$000 réis |
| 1 | de | 360:000$000 réis |
| 1 | de | 270:000$000 réis |
| 1 | de | 135:000$000 réis |
| 3 | de | 45:000$000 réis |
| 5 | de | 22:000$000 réis |
| 16 | de | 9:000$000 réis |
| 25 | de | 3:600$000 réis |
| 2:044 | de | 440$000 réis |
| 4:999 | de | 90$000 réis |
| 2 | approximações de | 9:000$000 réis |
| 2 | approximações de | 5:400$000 réis |
| 2 | approximações de | 3:600$000 réis |
| 2 | approximações de | 2:295$000 réis |
| 99 | approximações de | 440$000 réis |
| 99 | approximações de | 440$000 réis |
| 99 | approximações de | 440$000 réis |
| 99 | approximações de | 440$000 réis |
| 7:500 | | |

PREÇOS

Bilhetes inteiros a 92$000 réis.
Meios bilhetes a 46$500 réis.
Quintos a 18$600 réis.
Decimos a 9$300 réis.
Fracções de 4$800, 3$000, 2$400, 2$000, 1$500, 1$200, 1$000, 600, 480, 300, 240, 200 130, 120 e 60 réis.

SERIES de 100 numeros seguidos, de 240$000, 120$000, 60$000, 48$000, 24$000, 12.000 e 6$000 réis.

SERIES de 50 numeros seguidos, de 120$000, 60$000, 24$000, 12$000, 6$000 e 3$000 réis.

SERIES de 10 numeros seguidos de 48$000, 30$000, 24$000, 12$000, 6$000, 4$800, 2$400, 1$200 e 600 reis.

GRANDE variedade e quantidade em numeros.

O CAMBISTA FONSECA está bem sortido e lembra aos afastados do jogo de loterias que não deixem de jogar na grande loteria.

O CAMBISTA FONSECA satisfaz todos os premios que tenha a fortuna de vender nas suas casas á chegada da lista geral que deve ser no dia 26.

GRANDE palpite em repartir os melhores premios!!

PEDIDOS acompanhados de suas importancias ao cambista

*Antonio Ignacio da Fonseca.*

LISBOA — PORTO

ESCOLA JOÃO DE DEUS

DIRIGIDA POR J. MENDES DA COSTA

Abre-se no dia 2 do proximo mez de outubro, continuando a admittir-se alumnos tanto para instrucção primaria elementar como complementar.

O ensino de leitura é pelo methodo de JOÃO DE DEUS, que teve a gloria de vir arrancar as criancinhas a um martyrio certo, e muitas vezes a um embrutecimento causado pelo antigo syllabario.

Ha uma classe para meninas em salla separada e dirigida por professoras

Todos os alumnos d'esta escola que fizeram este anno exame de admissão aos lyceus foram approvados. Os alumnos pobres admittem-se grati.

LE LION

THE LION FIRE INSURAN E A.

**COMPANHIA DE SEGUROS ANGLOF—RANCEZA**

CONTRA INCENDIOS A PREMIOS FIXOS

CAPITAL DA GARANTIA 4.725:000$000

SUCCURSAL NO PORTO

**ALOYZIO A. DE SEABRA**

20, Rua de Ferreira Borges 1.º,

CORRESPONDENTES

AVEIRO—ANTONIO FERREIRA FELIX JUNIOR.
ALQUERUBIM—MANUEL MARIA AMADOR.
ANADIA—MANUEL RODRIGUES FILIPPE.
ESTARREJA—CUSTAVO R. DE SOUZA.

MAISON DE FRANCE

**NOVIDADE EM CHAPEUS**